

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Memorial Acadêmico Descritivo

Prof. Dr. Marcos André de Barros

Este memorial cumpre uma das exigências para promoção ao cargo de Professor Titular, área: Filosofia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Recife
2021

MEMORIAL DESCRITIVO

*Vocação: Professor Pesquisador Filósofo
– Uma trajetória pelo pensamento crítico –*

Identificação Funcional:

Nome: Marcos André de Barros

RG: Sds-PE (D.1)

SIAPE:

Cargo Atual: Professor Efetivo – Associado IV – Dedicção Exclusiva (D.2).

Apresentação

“Nada do que jamais aconteceu poderá
se considerar perdido...”
(W. Benjamin)

O objetivo deste memorial é apresentar a minha trajetória acadêmico-profissional, na forma de um relato da Carreira Magisterial, marcada pelo registro da tradição do pensamento crítico, partindo da crítica hermenêutica teológica e histórica até à teoria crítica do reconhecimento.

I. A Descoberta do Pensamento Crítico (*A Lente*)

Um Memorial trata do sentido de uma trajetória, todavia o sentido de uma trajetória não lhe pode ser atribuído sem se correr o risco de artificialização; este sentido, em boa medida, há de se situar entre o realizado e o pretendido e, mesmo que não se queira atribuir valor absoluto, há que se admitir nele um certo conteúdo fático.

Mesmo sabendo que o que interessa neste tipo de relato é a carreira docente, esta, porém, não se inicia em um concurso de provas e títulos como se fosse um ato divino “*ex nihilo*”. Tal qual uma árvore frutífera assim é a carreira do magistério em geral, isto quer dizer que os frutos produzidos são resultantes de uma estrutura que se constitui de um estofo e que se enraíza em um determinado terreno, e é sobre este enraizamento que falaremos neste primeiro tópico.

Não cresci em um contexto familiar com qualquer tipo específico de legado literário a ser preservado, esta honra ou peso jamais me foram imputados. Mas o gosto pela leitura e pelo ensino pude vislumbrar praticamente todos os dias da minha tenra infância, pois fui alfabetizado pela minha mãe, enquanto esta dava aulas de reforço para as crianças na única mesa de minha casa. Mesmo que ela só tivesse estudado até a quarta série primária com o seu borrão de papel de embrulhar pão, sua alegria e seu prazer eram visíveis em auxiliar aquelas crianças com carinho. Embora tivesse sido escolarizada na época da palmatória, jamais

fez menção de usá-la ou a esta se referiu positivamente, parecia mesmo acreditar na capacidade das crianças.

Outra marcante experiência infantil foi a da leitura, pois em toda a minha infância e adolescência eu tive ao meu lado uma mãe leitora. Mesmo com os insuficientes recursos de uma família pobre da periferia do Recife, tive a ininterrupta oportunidade de presenciar horas e horas de leitura atenta, muitas das quais realizadas propositadamente em voz alta, quando se tratava de leitura da Bíblia. É preciso que se diga que este ressoar era marcante por se tratar de um núcleo familiar muito reduzido: o senhor Sandoval de Barros, sua esposa, dona Carminha, e seu filho unigênito. Não havia uma biblioteca em minha casa, mas em um só livro estavam armazenados sessenta e seis “pequenos” livros. Ainda quando eu perdi o interesse pela leitura da Bíblia, por já saber as histórias de cor, as leituras não cessaram em seu hábito, permaneceram até que ela, já em idade avançada, concluiu o 1º Grau e o equivalente ao nível médio livre em uma Instituição de Educação Cristã Missionária.

Somente entre os 11 e os 13 anos foi que o gosto pela leitura voltou e intensificou-se a partir dos 15 anos, no contexto da Igreja Cristã Evangélica de tradição Batista. Posso assim dizer, que devo a esta experiência infantil, em forma de sementeira, em boa medida, o gosto pela leitura e pelo ensino.

Não foi como teólogo de formação que descobri a crítica, nem na peleja do protestantismo com o catolicismo nas décadas de 70 e 80 no Brasil, mas nas minhas leituras do Novo Testamento, em especial nas leituras dos Evangelhos aos meus 15 anos. Jesus de Nazaré é onde se finca a raiz mais profunda do pensamento crítico, e porque não dizer libertário, do qual jamais me afastei. Apesar da sedução do tom heroico da narrativa dos Evangelhos, impressionavam-me mais os milagres da multiplicação dos pães, pois o “maná” de Jesus não caía do céu, ele provinha do pequeno matulão de um menino através do qual, quem sabe, muitos outros alforjes se abriram naquela ocasião; outro milagre que me chamou muito a atenção foi o da cura “em duas etapas” do cego de Betsaida, aparentando ser uma espécie de tratamento, mas, ao contrário do que se possa pensar, o extraordinário que eu descobri foi que estas pessoas: crianças desgarradas de seus responsáveis que seguiam em campo aberto pregadores itinerantes e cegos mendigos eram, juntamente com as prostitutas e com as milícias de cobradores de impostos, os mais desprezados e odiados da Palestina do tempo de Jesus e foi justamente a estes que Jesus se sentiu enviado e se apresentou de modo radicalmente atencioso e dedicado, mesmo com prejuízo total de seu conforto e mesmo de sua existência, morrendo vítima de assassinato na Cruz. Ecoaram sempre muito fortes em meu coração as declarações de Jesus: “deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o Reino dos Céus”, “os publicanos e as prostitutas entrarão primeiro no Reino dos Céus” e “aos pobres é anunciado o Evangelho”. O Jesus de Nazaré das páginas dos Evangelhos foi para mim a descoberta da crítica, da crítica engajada e responsável, da crítica dos conceitos, da tradição e do comportamento, uma crítica ética ou uma verdadeira “ética crítica”, que não vi superada até hoje.

A filosofia, todavia, excluída do currículo do colegial, será por mim encontrada na “matéria” História, ministrada por uma professora a quem procurei para falar do meu interesse pelo curso de filosofia, ainda em pleno período da ditadura, 1985; na ocasião ela me recomendou que mudasse o meu interesse pela filosofia e me dedicasse ao estudo da história, alegando que eu era pobre e o tempo inoportuno para a filosofia. Porém, aos 16 anos, matriculado no Curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco e no Curso de Teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB), obtive meus primeiros contatos com a filosofia e com a tradição do pensamento crítico: tratavam-se da crítica literária que norteava o percurso da disciplina Introdução aos Estudos Literários e da Crítica Bíblica.

O Curso de Teologia no qual me graduei teve duração de 5 anos. O reitorado longo de um missionário americano, o Dr. David Mein, que era estudioso da teologia acadêmica e apreciador das Ciências Humanas, fizera do STBNB um centro de referência para América Latina trazendo para suas Conferências Teológicas teólogos da envergadura de Harvey Cox e Jürgen Moltmann, entre outros. Além desta posição de vanguarda, o curso no Seminário do Norte, como era mais conhecido, possuía a sua maior virtude em seu currículo e em seu quadro docente, este último formado em sua maioria por professores com doutorado e aquele marcado por disciplinas com robustas cargas-horárias e por temáticas muito significativas para o encontro da teologia com a cultura contemporânea, tais disciplinas eram Teologia Contemporânea, Filosofia da Religião, Psicologia da Religião, Cristianismo no Brasil e Crítica Bíblica.

Por ora, destacarei apenas a disciplina optativa chamada Crítica Bíblica, pois em sua estrutura estavam tópicos especiais de história da hermenêutica relacionados com as subdisciplinas da chamada “alta crítica”: a crítica textual ou estrutural, a crítica da forma e a crítica da história da redação, que davam corpo a uma história crítica do texto, do cânon e dos dogmas, além de representarem uma revisão da introdução socioliterária ao Antigo e ao Novo Testamento. Foi neste contexto que tomei conhecimento e passei a estudar as obras de Friedrich Schleiermacher, Adolf von Harnack, Rudolf Bultmann, Georg Fohrer e Joaquim Jeremias; mas foi na obra de Paul Tillich, filósofo e teólogo alemão radicado nos EUA e conhecido por ter sido o orientador de Theodor Wisegrund Adorno no doutorado, que vi todos estes elementos convergirem numa única e integrada discussão, em sua Teologia Sistemática, cujos argumentos foram por mim arregimentados para a apresentação do meu primeiro ensaio acadêmico publicado em forma de capítulo de livro pela internacionalmente conhecida editora ASTE, e que versava sobre uma teologia da revelação a partir de uma releitura hermenêutica e indagando pelo lugar da história (do cristianismo) neste amplo e complexo círculo (D.3-5).

Pertence também ao contexto da formação em Teologia meu encontro com as obras dos teólogos que atuavam no Brasil e que aqui criaram a mais rica Escola de Estudos da Religião, o conhecido Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciência da Religião na UMESP em São Paulo, ainda hoje Conceito 6 da Capes, dentre estes destaco: Carlos

Mesters, Milton Schwants, Paulo Nogueira, Etienne Hight, Antônio Gouveia Mendonça e Jaci Maraschin, tendo sido para mim muito honroso publicar capítulo de livro junto com estes dois últimos grandes intelectuais quando estava ainda começando a minha carreira de professor em um curso superior de teologia. Outros teólogos muito relevantes na descoberta do pensamento crítico foram os Teólogos da Libertação: Leonardo Boff e Rubem Alves, além de Hugo Assmann, Franz Himkelammert, Hugo Echegarai e Georg Pixley, este último autor de uma obra de valiosíssima leitura intitulada *A história de Israel a partir dos pobres*.

Foi também neste período que a filosofia da religião representou uma viva descoberta, nela houve uma verdadeira identificação do meu pensamento com esta área do conhecimento e com expressões da fenomenologia que realizam verdadeira crítica da metafísica teológica medieval e idealista: Immanuel Kant com o seu livro *A religião dentro dos limites da simples razão*, G. W. F. Hegel com a *Fenomenologia do espírito*, Ludwig Feuerbach com *A essência do cristianismo*, Sören Kierkegaard com os seus livros *O conceito de angústia* e *O desespero: a doença mortal*, Friedrich Schleiermacher com a obra *Sobre a religião*, Pierre Teilhard de Chardin e o seu *O fenômeno humano*, completados pela obra de Hans Küng, *Ser Cristão*, e de Rudolf Otto, *O Sagrado*. Os dias e as noites foram pequenos para tamanhas descobertas. Entre os meus 18 e os meus 21 anos vivi para isto, mergulhei o mais profundamente que pude. Neste mergulho muito me ajudaram, além da obra de Rubem Alves que de um modo sutil, suave e poético me ajudaram a desconstruir com a crítica os dogmas que quase não se sustentavam de pé, deste pensador destaco suas *Histórias para pequenos e grandes*, *O que é religião* e *o Suspiro dos oprimidos*. Outra fonte maravilhosa de ensinamentos foram as conversas com o Professor João Ferreira Santos, que tentou fazer com que eu fosse seu monitor na cadeira Grego I, mas percebeu que aquela não era a minha vocação e nos mantivemos por tardes e noites a fio em diálogos intermináveis sobre os temas da filosofia e da teologia contemporânea; com toda certeza posso dizer que disputávamos no entusiasmo por aquelas discussões, que tratavam mais do que de matéria de pensamento, envolvendo a fé viva que cultivávamos e que estava constantemente em profunda revisão. De certa forma, neste período outros profetas e pastores foram descobertos, dentre estes: São Francisco de Assis, Gandhi, Madre Tereza e o Pastor Martin Luther Kung.

No final do curso de Teologia, eleito Orador da Turma, pude fazer o discurso de formatura (ou Sermão Oficial) na belíssima capela do Seminário do Norte, seu Título: Desafios a uma Igreja Humanizadora do Mundo (subtítulo: Elementos para uma Teologia da Humanização): tópico I. O Já e o ainda não do Reino de Deus (argumento com clara inspiração na *Ética* do teólogo alemão da resistência a Hitler e assassinado por este na prisão em 1945, Dietrich Bonhoeffer), tópico II. Teologia como Práxis (inspirado em Thomas Müntzer e na TL), tópico III. Salvar é Humanizar: desafios para a humanização do mundo (fortemente influenciado por Hans Küng e Erich Fromm). À noite, quando da colação de grau, ao receber meu diploma com a láurea: “Magna Cum Laude” (D.6),

recebi também uma solicitação de que apresentasse uma cópia do meu sermão oficial, o que até hoje não atendi.

Do mesmo modo que não me mantive no curso de Letras da UNICAP, também não dei continuidade aos meus estudos na UFRPE, onde entrei no único curso noturno da área de humanas das Federais em Recife, tratava-se do agora extinto ou remodelado Curso de Licenciatura em Estudos Sociais, nele pude obter boas introduções à Sociologia, à Antropologia e à Ciência Política; porém fiz deste curso um apanhado de disciplinas que pudessem me servir para avançar o mais rápido possível no Curso de Licenciatura em História na UFPE, pois àquela altura já lecionava as “matérias” História e Filosofia da Educação no 2º Grau de um Colégio e Curso em Vitória de Santo Antão (desde 1987). Foi deste período na UFRPE meu contato com a obra do educador crítico e humanista brasileiro Paulo Freire, da qual sofri grande impacto e influência com o desafio de realizar uma prática pedagógica libertária no ensino regular e na Universidade.

A descoberta do pensamento crítico, porém, possui uma segunda vertente de grande repercussão que foram os Estudos Históricos. Durante algum tempo fiz os dois cursos em paralelo, de 1988 a 1990, quando terminei o curso de Teologia, mas permaneci no de Licenciatura em História na UFPE por mais um ano. Na época, brincava de fazer piada com a minha falta de tempo para me envolver em outras empreitadas juvenis, por causa do trabalho de professor e dos dois cursos, dizendo que eu não estava querendo nadinha, nadinha, senão conhecer Deus e a humanidade ao mesmo tempo, com os estudos da Teologia e da História. Antes de mencionar as descobertas intelectuais relativas a grande tradição dos estudos históricos, preciso destacar que a grande efervescência política deste período me conduziram a fazer escolhas explícitas, ainda que moderadas, e uma destas foi meu engajamento em favor das candidaturas de LULA à presidência da República.

O Curso de História na UFPE (D.7-8), a partir de 1988, produzirá um grande impacto no meu pensamento e nas minhas convicções e práticas pedagógicas. Em um dos mais tradicionais cursos da UFPE, conhecido pela erudição dos seus professores que fizeram fama na cultura pernambucana, defrontei-me com a crítica marxista, porém uma crítica que havia envelhecido. Apenas em duas ou três disciplinas da formação específica pude me aproximar do pensamento crítico, estas foram: uma disciplina optativa sobre a História da Mulher e as de Introdução aos Estudos Históricos e Teoria da História. A História da Mulher era uma disciplina montada no estilo tradicional de leituras e fichamentos, porém o entusiasmo como era apresentada criava uma sedução, além disso o curso era todo inspirado numa obra de leitura obrigatória, a obra da filósofa francesa Simone de Beauvoir intitulada *O segundo sexo*. Neste pequeno curso a força crítica do pensamento feminista remexia os fundamentos do universalismo e da ignorância de gênero contida nas epistemologias da história positivista e na historiografia marxista.

Coube à Introdução aos Estudos Históricos e à Teoria da História abrirem uma “grande avenida” em meu pensamento e nas minhas convicções tanto filosóficas, quanto políticas e pedagógicas. O recém chegado professor que lecionava aquelas disciplinas tinha feito delas um grande, e àquela altura exitoso, experimento pedagógico. Tratava-se de um verdadeiro furacão criativo e reflexivo: o professor com clara vocação filosófica fazia inédita mistura de arte, teoria, análise “documental” e reflexão política; os principais recursos eram a leitura da literatura para ressignificar a análise da história e o uso do teatro para produzir uma abertura sem limites à interpretação da história, ambas iniciativas procurando resgatar ou reconstruir a “contra memória” dos esquecidos ou excluídos, que o professor convictamente afirmava existir. O incentivo principal era que descobríssemos por nós mesmos e assim também expressássemos as diversas camadas possíveis de sentidos existentes nos famigerados “fatos” históricos, para tanto era preciso que soltássemos a imaginação e fizéssemos o que o mestre sugeria pelo nome de “interferências histórico-literárias”. Este era o teatro ou *O Palco da história*, do Professor Dr. Michel Zaidan Filho. Aquele professor, era um típico “professor de espanto” do qual falou Rubem Alves, sua interpretação claramente pendulava entre o culturalismo marxista de Antônio Gramsci e a sua “paixão pela história” e a hermenêutica crítica engajada na luta literário-libertária de um filósofo e historiador judeu-alemão chamado Walter Benjamin. Era grande o engajamento dos estudantes na produção das esquetes e peças que abordavam temas da história desde Homero até Euclides da Cunha. Como definia o próprio professor Zaidan, fora “o caleidoscópio de Benjamin” que permitira pensar a nossa disciplina história em uma perspectiva intersemiótica.

Neste Curso de Licenciatura em História recebi do professor Zaidan o honroso convite para integrar o seu grupo de pesquisa através do meu engajamento em uma pesquisa sobre o historicismo, com uma bolsa de Iniciação Científica. Dei muito trabalho ao mestre, pois minhas descobertas me levaram para muito longe das desejáveis sínteses e resumos de textos, gostava mesmo era de discutir com o mestre os temas, chegando ao ponto do mesmo me dizer que a “nossa cultura da oralidade” não me levaria muito longe quanto às obrigações da pesquisa.

Foi assim que conheci a obra de Wilhelm Dilthey, o grande historicista alemão que também se considerava um crítico da razão histórica, tanto do sentido da metafísica idealista da história do “Espírito Absoluto” de G. W. F. Hegel, quanto do padrão empírico da pesquisa histórica oferecido pelo positivismo da Escola Metódica Francesa e da Escola Histórica Alemã. Não foi fácil para mim, a densidade filosófica e teórica do texto, somada ao caldo grosso de erudição de Wilhelm Dilthey e suas fontes, F. Schleiermacher por exemplo, e de seus intérpretes: Richard Palmer, Paul Ricoeur e Hilton Japiassu.

Não fora isto apenas, as disciplinas me levaram a uma estonteante aproximação da obra de Walter Benjamin e neste caso fui parar no olho do furacão, pois tudo convergia para a obra daquele alemão que era por muitos considerado o mais proeminente filósofo crítico da cultura europeia no século XIX e XX, tendo este vivido do

século XX apenas seus primeiros 40 anos. Estava realizada a descoberta da crítica ou da “lente” com a qual passaria a tentar enxergar tudo o que viesse pela frente; na verdade, como se pode perceber, tratou-se de uma complexa e nem sempre completamente coerente justaposição de “lentes críticas”, mas foi assim que os conceitos foram se apresentando. A culminância deste período, todavia, foi a publicação de um pequeno ensaio no Caderno de Cultura do Jornal do Comércio, em 1990, e posteriormente republicado por Michel Zaidan em seus livros por mais duas vezes, intitulado “**O historiador como hermeneuta e utopista**” (D.9-12), no qual apresentei uma espécie de síntese teórica do que era a proposta de leitura e pesquisa histórica praticada pelo Professor Zaidan; sem fazer menção direta ao seu projeto de ensino, procurei oferecer um pequeno conjunto de pressupostos de um novo tipo de interpretação, construção do saber e da transmissão do conhecimento histórico, com argumentos claramente batizados em águas benjaminianas.

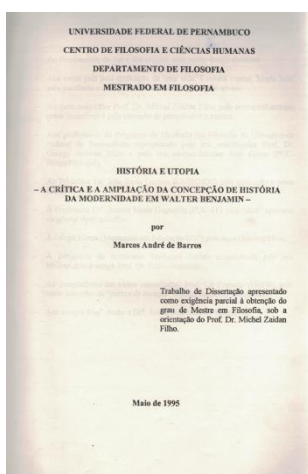
No curso de História também tive contato e me aproximei do pensamento de vários historiadores filósofos, dentre os quais vale a pena citar: Marc Bloch, Michail Bakhtin, Michel Foucault, Jack Le Goff, Christopher Hill e Erick Hobsbawm, além de cientistas sociais brasileiros como Carlos Guilherme Mota, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro. Dos escritos de cada um destes resgatei importantes conceitos e, sobretudo, intuições muito instigantes, algumas tomadas como hipóteses para pesquisas e outras como valores estruturantes da vida intelectual e cidadã.

Antes de introduzir o próximo tópico, convém que mencione a minha passagem durante um ano pelo Curso de Licenciatura em Filosofia na UNICAP, no qual ingressei como portador de diploma de Teologia, mediante entrevista por uma banca de três professores, e que também não cheguei a concluir. Neste curso tive duas importantíssimas oportunidades e as aproveitei muito bem, primeiramente o contato com a História da Filosofia, não somente pelo modo como o filosofar se apresenta tanto em Aristóteles quanto em Hegel, dando-se como um percurso dialógico ou dialético, refletido e crítico pela história do pensamento, mas também pelo belo gênero narrativo em que se transforma a história da filosofia nas mãos dos mestres italianos, em especial em Nicola Abbagnano e Giovanni Reale. A segunda oportunidade foi a da leitura dos textos dos filósofos tanto nas disciplinas quanto nos grupos de estudos. Porém, faltando um ano para o término do curso fui aprovado no Mestrado de Filosofia da UFPE. Precisei deixar o curso de licenciatura, mas não sem o protesto do Professor Dr. Beno Lermen, que insistiu para que concluísse lá o curso com boa perspectiva de ser aproveitado para o quadro docente da instituição. Com este professor cursei duas disciplinas sobre Metafísica e pude conhecer de modo mais aprofundado a Ontologia Fenomenológica de Edmund Husserl, Heidegger e Sartre, tendo sido Sartre o que mais me chamou atenção. Todavia, descobri no mestre Beno Lermen um grande conhecedor da obra do teólogo que mais me interessava no final do curso de teologia, que era Paul Tillich; algumas conversas no gabinete deste decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas da UNICAP foram bastante esclarecedoras do pensamento de Tillich, especialmente de sua

fonte fenomenológica, já que o doutorado do Professor Beno era em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, com tese sobre a questão do simbólico na obra de Paul Tillich. Foi do professor Beno que recebi uma carta de apresentação obrigatória para a inscrição na candidatura ao mestrado em Filosofia na UFPE.

Entretanto, preciso destacar aqui que os dois filósofos aos quais mais me dediquei no contexto da UNICAP foram Aristóteles e Friedrich Nietzsche. Entrementes, foi com Nietzsche pela força do seu “filosofar a marteladas”, verdadeira “dinamite” humana, que me defrontei com conceitos asperamente críticos: seu basilar conceito de *vida* aplicado à análise do pensamento, fazendo com que a razão se submetesse a algo maior do que ela, sua concepção de história não como contínuo e conseqüente progresso, mas como *genealogia*, seu conceito de *vontade de potência* enquanto elemento polarizante de sua crítica, aliados ao seu perspectivismo e à sua crítica do *conceito de verdade*, junto com sua apropriação peculiar do conceito de *niilismo como falta de vontade de poder*, ou seja, como uma enfermidade do “não querer, querer”, fizeram deste pensador um companheiro incessante de minhas reflexões. Não foi surpresa para mim quando lendo Paul Ricoeur, em seu *O conflito das interpretações* aparecem aqueles que para ele são os três mestres da suspeita: Sigmund Freud, Karl Marx e Friedrich Nietzsche.

II. O Aprimoramento dos Conceitos – (O Polimento)



Antes mesmo do concurso e da posse no Cargo de Professor de Filosofia, selecionado especificamente para as cadeiras de História da Filosofia, já havia obtido o Diploma de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPE (D.13-14) e esta fase do Curso de Mestrado representou para mim uma etapa de muito aprofundamento em pesquisa e também de aprimoramento dos conceitos. Mesmo tendo uma área de concentração em “Filosofia Social”, o Mestrado em Filosofia da UFPE conservava um perfil muito amplo o que também repercutia na sua estrutura curricular com disciplinas que iam de Lógica e Método, passando pela Epistemologia das Ciências Humanas até a Ontologia Social e os mais variados temas estudados nas disciplinas optativas, dentre os quais recordo-me dos Tópicos avançados nos quais estudamos “Hegel, os jovens hegelianos e seus críticos”, “O marxismo ocidental”, “O existencialismo ibérico” e “as filosofias da história e da cultura”. Apesar das dificuldades que representava para a concentração dos esforços em uma linha de pesquisa, esta abrangência, em parte, me beneficiou, pois forneceu-me mais tempo de leitura e discussão dos temas do marxismo, de Hegel, do existencialismo e da hermenêutica.

Após três anos de curso, a Dissertação estava pronta, sob a orientação do Professor Dr. Michel Zaidan Filho, e versava sobre “A crítica e a ampliação da concepção

de *história da modernidade em Walter Benjamin*”, como indicava o subtítulo que acompanhava o Título: ***História e Utopia*** (D.15-21). A dissertação, defendida em Maio de 1995, aprovada com distinção, constituía-se muito mais em um exercício de remontagem do pensamento de Walter Benjamin sobre a História, justamente a remontagem de um pensamento em sua origem já fragmentário e de múltiplos gêneros de escrita, parecendo até labiríntico em suas montagens lítero-filosóficas, como no seu livro *Rua de mão única*.

Acostumar-se às citações feitas por Benjamin e mergulhar na decifração de seus ensaios e fragmentos era o grande desafio. Mas concluímos com a demonstração da hipótese de que Walter Benjamin elabora uma crítica profunda ao conceito central da autocompreensão da modernidade, que é o conceito de história ou de razão histórica, com todas as suas implicações ontológicas, epistemológicas e políticas; assim fizemos uma exposição dos conceitos que constituem esta concepção, começando pelos conceitos de progresso e tempo, seguindo com os de identificação histórica, trabalho e ciência e depois de reconstruí-los com o discurso do próprio Benjamin e suas citações, retomamos este mesmo pensamento para expormos a crítica de Walter Benjamin a cada um destes; na segunda parte da Dissertação tratamos das ampliações produzidas por este pensador à concepção moderna de história, que se tratou basicamente de apresentar sua ampliação do conceito de razão pelo conceito de memória (inconsciente ou involuntária), uma ampliação do campo e do conceito de experiência e uma ampliação hermenêutica ou metodológica que permitia interpretar os fragmentos “desprezados” do mundo a partir da estética choqueforme trazida pelo cinema e da pedagogia artístico-libertária do teatro de Bertholt Brecht e de Asja Lacis, resultados estes obtidos pelo pensador alemão através da aplicação de uma análise que se estruturava como uma dialética da ambiguidade, como bem comentou um pensador francês, pois Benjamin intentava revelar a “face de Jano” da modernidade. A dissertação termina propugnando pelos efeitos dialéticos do pensamento utópico-romântico de Walter Benjamin sobre sua crítica materialista da cultura e da história. Uma preciosidade contida no texto desta dissertação é o seu apêndice (anexos 1 e 2) com uma transcrição direta em língua francesa dos “*Paralipmènes et variantes des thèses sur le concepte d’histoire*” (1940) e do enigmático “*Fragment théologico-politique*” (1921).

O aprimoramento dos conceitos, tal qual o polimento de uma lente, teve neste período grande incremento. Os cursos intensos e as pesquisas levaram-me a um programa de leitura e de reflexão muito extenso do qual destacarei alguns pensadores e conceitos que se tornaram estruturais na definição de projetos de pesquisa e na condução dos cursos que ministrei e de outros que propus e ajudei a criar.

De G.W.F. Hegel auferimos a sua proposta de uma “dialética do reconhecimento”, primeiramente baseada na linguagem e na interação, nos textos da *Filosofia Real* de Yena e no *Sistema da vida ética*, até chegar em sua *Fenomenologia do Espírito*, com a sua dialética do senhor e do escravo, e esta ficar aos cuidados da mediação do trabalho e do direito.

De Karl Marx a quantidade de temas é do mesmo tamanho da quantidade de questionamentos. Uma lição difícil de ser realizada, mesmo estando em boa companhia. Como superar Marx para ser fiel ao seu pensamento? Eis a questão que se colocava. Se Hegel era uma redescoberta, Marx todavia, era uma correção necessária e urgente no percurso. O autor da “Crítica, crítica, crítica”, como subintitula um de seus livros sobre o hegelianismo denominado *A sagrada família*, precisava ser criticado e superado. “Alienação”, o conceito compartilhado com Hegel e essencial a uma antropologia crítica. “Materialismo” não poderia ser uma imposição, haveria de representar mais uma aposta de sentido ou uma escolha. Já o “paradigma da produção” este teria que ser confrontado com uma teoria mais sensível, pois a interação e o reconhecimento superam os estados de necessidade propriamente ditos, ainda que as “formações históricas” fossem irremovíveis enquanto conceito. Na esteira do paradigma da produção chega a vez da chamada “teoria do reflexo”, não dava para converter todo o espectro da cultura em campo determinado enquanto superestrutura pelas relações de produção. Porém, o “fetichismo da mercadoria” não teve sucedâneo e ao que parece, enquanto o Capitalismo tiver os contornos que fazem dele o que ele tem sido, o reino da mercadoria e do acúmulo de capital, este conceito será o mais revelador apresentado por Marx, junto com a sua “mais-valia”.

Com Jean-Paul Sartre apresentou-se a arrasadora e incontornável crítica dos essencialismos. Somos existência e a liberdade tem contorno, chama-se “projeto”, mas existe um desafio: como viver a liberdade coletivamente? Testando-a com a práxis do “engajamento”. Vejamos o quanto esta tese também resiste ao teste, porém, nada mais existencialista do que esta assumida finitude dos conceitos. Assim extraímos de seus monumentais livros: *O ser e o nada*, *O existencialismo é um humanismo* e *A crítica da razão dialética*.

Theodor Adorno e Max Horkheimer também foram alvo direto de nossas leituras e reflexões. Suas propostas: uma *dialética negativa* e uma *dialética do esclarecimento*. Por mais pessimistas que soem, estas propostas tornam-se relevantes por possibilitarem, metodologicamente falando, a realização da crítica, expondo o negativo ao invés da síntese harmonizadora e levantando uma desconfiança importante para com a ciência e sua capacidade de engendrar-se a si mesma como mito, ao perder os meios da autocrítica e sobretudo cooperar para fins claramente anti-humanos ou anti-éticos gerando e ajudando a gerar mitos e processos manipulatórios sofisticados.

Temos uma sociedade unidimensional? Perguntava Herbert Marcuse em sua mais difundida obra, *A ideologia da sociedade industrial*. A pergunta não se dirige aos filósofos sobre se é possível existir, em termos absolutos, uma sociedade do pensamento único, mas expõe uma constatação sociológica, uma vez que o que tem a ser pensado e o pensável é pensado pela ciência, ao mesmo tempo em que a ciência se volta completamente para os interesses do capital industrial, incluindo as estratégias para o incremento do consumo. Este pensador que divulgara a obra de Walter Benjamin entre os estudantes do movimento de 1968, tem também em comum com Benjamin

uma busca pela reinvenção do trabalho humano, buscando utopicamente relacioná-lo ao prazer e à formas lúdico-ecológicas, compactuando em boa medida com o projeto de Erich Fromm a respeito de uma *Revolução da esperança* para uma sociedade que é levada a refletir a partir da pergunta *Ter ou ser?* Sem dúvida alguma, neste período, nossos olhos estiveram voltados para estas questões e nela focados, vindo estas questões a se tornarem questões norteadoras dos nossos esforços intelectuais.

Ainda neste momento de polimento das lentes, chegamos a Jürgen Habermas. Aqui nos deparamos com um enorme continente, uma vez que este era um pensador que pretendia fazer do diálogo e da síntese filosófica a grande metodologia que ele chamou de “reconstrução” aplicando-se a um imenso trabalho, compartilhado com sua equipe interdisciplinar, de revisar as teorias das ciências da linguagem, das metodologias das ciências humanas, das teorias da política e da sociedade, a começar pelas filosofias da história. Todo este esforço tomando por base um novo conceito de razão – a razão comunicativa – ao qual dedica uma volumosa obra intitulada *Teoria da Ação Comunicativa* complementada pelo livro *O pensamento pós-metafísico*, e encaminhando-se enquanto filósofo para a construção de uma ética em seus livros: *Consciência moral e agir comunicativo* e no seu *Comentários a uma ética do discurso*; e enquanto sociólogo pondo-se a tematizar a nova intransparência ou o novo obscurantismo das sociedades da técnica, multiculturais e pós-seculares sob os efeitos da *Mudança estrutural da esfera pública*.

Este foi, sem dúvida, um ponto de viragem em minha forma de pensar, de onde passei a assumir com grande empenho intelectual e responsabilidade uma forma de pensar dentro dos moldes pós-metafísicos, que ao meu ver busca com todo esforço manter a busca da razão como uma meta, mas está disposto sempre a desconfiar dos seus contornos históricos e que, ao mesmo tempo amplia a audição e o diálogo para evitar o risco de silenciar as vozes que podem contribuir para manter livre o pensamento e para fazer fluir a vida pela revitalização de suas fontes utópicas. Sem dizer, que neste pensamento pude enxergar a mais consequente aposta numa refundação do pensamento democrático e emancipatório, além de sua robustez teórica em propor a sua democracia participativa ou política deliberativa, como aparecem enquanto expressões basilares de suas obras: *Direito e democracia* e *A inclusão do outro*.

III. A Descoberta da Vocação (Calibrando e experimentando)

O ensino no nível médio havia me mostrado o que era a atividade de professor, suas peculiaridades e sua envolvente dinâmica, mas eu não havia percebido o quanto me preparava para aquelas aulas, por estar realizando intensa dedicação aos estudos nos cursos que estava fazendo nas Universidades e ainda no Seminário, pois comecei a lecionar muito cedo, ainda com 17 anos, em fevereiro de 1987. Tudo o que aprendia nestes cursos me favorecia diretamente no ensino das matérias História, OSPB e Filosofia da Educação, o principal era o domínio do conteúdo; não havia tempo e nem maturidade suficientes, naquele início, para um aprofundamento sobre o significado

não somente pedagógico, mas também político e filosófico do papel social do intelectual. Sobrevivi ao precoce impacto e me encantei pelo ensino, não percebi direito o cansaço e o desgaste de outros colegas que já estavam naquela profissão há muito tempo.

O meu magistério em nível superior começará também um tanto precocemente, pois um ano após me formar Bacharel em Teologia e tendo concluído o curso de Licenciatura em História, fui convidado a lecionar no Seminário do Norte, com 23 anos incompletos, por indicação do professor e historiador Dr. Paulo Donizette Siepierski, em 1992, ano em que também entrei no Mestrado de Filosofia da UFPE. No STBNB permaneci até meados de 1994. As disciplinas por mim lecionadas no STBNB foram: História do Cristianismo I e II, Antigo Testamento II (Profetismo), Cristianismo no Brasil e Metodologia da Pesquisa Científica. Não alterei o ritmo, mantive-me dedicado à preparação das aulas e focado nas necessidades e contextos dos estudantes. A história não podia ser ensinada sem um assento teórico, filosófico e político, muito menos a história do cristianismo e seus conceitos de “credo”, “dogma”, “concílio”, “heresia”, “profano”, “secular”, “sincretismo” e “religiosidade popular”, “colonização” e “modernização” isto só para citar alguns conceitos.

Do magistério no STBNB resultará grande aproveitamento dos conteúdos dos estudos do profetismo judaico e de sua literatura como subsídio à compreensão do pensamento judeu libertário da primeira metade do século XX, onde estava situado Walter Benjamin, e os conteúdos de história e historiografia da Igreja medieval que me serviriam de subsídios para a minha candidatura exitosa e minha brevíssima atuação como docente substituto das cadeiras de “História do Ocidente Medieval” e “História do Império Bizantino e Muçulmano” no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe no ano de 1995.

Desta breve experiência de ensino no STBNB destaco a minha descoberta da política acadêmica e das relações das instituições religiosas de ensino com a política secular. No campo da política acadêmica, pude me envolver como professor no meu primeiro processo de reformulação do Currículo de um Curso de Graduação, ali descobri os limites desta empreitada e as barreiras apresentadas às inovações, pois naquele contexto preparei junto com o Prof. Dr. Paulo Siepierski uma proposta de disciplina optativa chamada Teologias da História e que foi recusada pela coordenação alegando que nós éramos mais historiadores do que teólogos. Quanto às relações com a política secular, enfrentei um problema e praticamente tive uma atividade da disciplina Cristianismo no Brasil bloqueada, pois propus aos estudantes da disciplina uma atividade de pesquisa que utilizava a metodologia da pesquisa em história oral e indagava dos professores que lecionaram no STBNB no período de 1963-1968 pela forma como repercutiu na Instituição a ocorrência Golpe Militar de 1964, os estudantes voltavam sem resposta ao questionário e traziam consigo uma outra pergunta para me fazerem em sala de aula: “quem quer saber e por que quer saber sobre esta repercussão?” Foi então que alterei a proposta de pesquisa e passamos a estudar os

Editoriais de *O Jornal Batista*, órgão oficial da denominação e de circulação nacional, de onde viram as respostas para as perguntas que ficaram ecoando. Não tenho dúvidas de que os estudantes daquela disciplina possam hoje, com base no que vivenciaram e estudaram, compreender com menos dificuldade o momento político-religioso que estamos vivendo atualmente.

São deste magistério teológico a republicação do meu pequeno ensaio “O historiador como hermeneuta e utopista” no livro do professor Dr. Michel Zaidan Filho intitulado *Circe e o historiador*, de 1992, e a honrosa publicação de uma conferência por mim apresentada no Simpósio “História da Igreja em Debate”, realizado pela ASTE em São Paulo, em 1993, para professores de história do cristianismo. Tratou-se de um ensaio que se transformou em um capítulo do livro organizado pelo Dr. Martin N. Dreher, *História da Igreja em Debate*, de 1994, intitulado “**História, hermenêutica e revelação: o lugar da história do cristianismo na reflexão teológica**” (D.3-5), e publicado junto com outros artigos e ensaios de pesquisadores renomados como o historiador ligado à CEHILA e à UFRJ, Riolando Azzi; e como os professores do IEPCR – Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: Jaci Maraschin e Lauri Wirth, dentre outros.

Descobrimo os limites, mas não desistindo da vocação, procurei recalibrar meus esforços e dirigi-los em direção a outras instituições. Assim, descobri oportunidades de candidaturas para quem estivesse em condições de se tornar professor substituto ou, numa condição mais elevada, professor visitante. Com auxílio do colega professor de linguística Dr. Eli Brandão, em meados de 1994, fiz seleção com prova didática e de títulos e fui aprovado como Professor Emergenciado (substituto) de Filosofia para o Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com sede na cidade de Campina Grande – PB, em cujo cargo permaneci por dois semestres até que, concluído o Mestrado em Filosofia, fui assimilado ao Quadro de Professores Visitantes da UEPB composto por mestres e doutores, em cuja instituição permaneci até 1998 (D.22). Naquela época, concurso para professor efetivo era coisa raríssima, estando o sucateamento das Universidades Públicas a todo vapor.

Entrementes, no interregno entre um semestre e outro da UEPB, fiz seleção para professor substituto no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em São Cristóvão, na região metropolitana de Aracaju - SE, neste caso, no início de 1995, e me tornei por um semestre professor de História do Ocidente Medieval e de História da Civilização Bizantina e Muçulmana (D.23). Porém, sem a perspectiva de concurso para professor efetivo na UFS e devido à distância em relação à Campina Grande tornou-se meteórica minha presença naquele momento na UFS. Mesmo assim, pude realizar naquelas disciplinas uma análise crítica da historiografia que ignorava em muito a riqueza intelectual e tecnológica do oriente medieval, bem como cometia o erro de deslocar o foco para o feudalismo europeu como centro da história do mundo quando naquele momento a Europa era muito inferior ao oriente tanto populacionalmente quanto em termos tecnológicos; outro problema que apontei foi

para a forma como o ensino de história medieval era feito com um grande hiato entre o cotidiano e a vida da nobreza feudal e em especial sobre a nuvem que encobre o estudo do medievo ibérico, deixado de lado por falta de conceito na historiografia marxista para enquadrá-lo, frente ao fato de não ser um típico “modo de produção feudal”. Esta breve experiência, todavia, me serviu de instrução para que calibrasse melhor a minha vocação que era mais teórica e filosófica e menos de historiador e pesquisador documental e metodólogo.

Ensinar em Universidade Pública, mesmo como professor visitante, como foi a maior parte do tempo em que estive pertencendo ao quadro da UEPB, foi uma experiência muito enriquecedora e que me levou a fazer escolhas ainda mais bem parametradas e consequentes a respeito da minha prática docente e da minha atividade de Professor-pesquisador. A Universidade com diversos departamentos, a maioria bem consolidada, tais como os de História, Letras, Pedagogia, Direito, Serviço Social, Administração e Psicologia, para cujos cursos as disciplinas Filosofia e Epistemologia das Ciências Humanas eram oferecidas pela área de Sociologia e Filosofia do CECH.

Neste contexto da UEPB, comecei a me definir por um perfil mais ligado à pesquisa e a uma prática de participação em congressos científicos. Particpei da Coordenação de um evento conjunto entre o CECH-UEPB e a Área de Filosofia da UFPB – Campus Campina Grande, denominado “Dobras e Desdobras: Filosofia, Pesquisa e Ensino”, em 1997. Tive trabalho aprovado e publiquei resumos nos ANAIS da II Conferência Internacional de CEHILA – Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina – realizada em São Paulo em 1995, com o tema: “Marcos teóricos do ensino e da produção historiográfica sobre o cristianismo no Brasil”.

É também deste período minha participação como membro representante da área de Epistemologia e Filosofia na Comissão de Criação do MESTRADOS INTERDISCIPLINARES da UEPB, a proposta da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa era fundir os mestrados existentes em dois grandes Mestrados Interdisciplinares em Ciências da Sociedade e Saúde Coletiva, o projeto era inovador e visionário, encampeei de imediato a ideia e vesti a camisa, partindo para a organização de encontros ente os professores pesquisadores na forma de “seminários integradores” e Coordenando a realização de um Simpósio, em maio de 1998, com o tema “Interdisciplinaridade em Questão” (D.24-25) para o qual convidei os seguintes professores pesquisadores: Drs. Paulo Siepierski (UFRPE), Neide Miele (UFBA), Eliane Azevedo (UFSBA), Joanildo Burity (Fundaj), Paulo Henrique Martins (UFPE), Francisco de Melo Neto (UFPB), Olívio Teixeira (UFPB- C. Grande) e Michel zaidan Filho (UFPE), e no qual também apresentei uma conferência intitulada: “Interdisciplinaridade, ética e educação”, que estabelecia uma relação entre a pesquisa interdisciplinar e o espaço de reflexão para uma nova visão do conhecimento científico e seu aspecto ético e humanístico negligenciado pelo tecnicismo e pela cultura do especialista, texto de forte inspiração em Edgar Morin, Walter Benjamin, Jürgen Habermas e Boaventura de Souza Santos.

Minha passagem pela UEPB tem neste Simpósio e na minha participação como professor do Mestrado em Letras (Literaturas Marginais) da Instituição as mais importantes contribuições. Neste Mestrado lectionei a Disciplina: “Filosofia e Linguagem”, discutindo as teorias de L. Wittgenstein, J. Austin, J. Habermas, Poul Ricoeur e Walter Benjamin. Mesmo não tendo doutorado fui mantido no Programa e mantive pesquisa sob minha coordenação com o título: “Teoria Crítica e Educação: Walter Benjamin, J. Habermas e Paulo Freire”.

Faz parte também deste período de experimentação e calibragem dos conceitos e da prática do magistério superior a publicação do meu primeiro livro autoral, tratou-se de um livro experimental, produzido numa gráfica local e publicado com o selo do Núcleo de Cultura Portuguesa – NCP e pela pequena Edições Caravela, em Campina Grande, em 1997. O opúsculo de 63 páginas se chamava ***Estudos Críticos I: Walter Benjamin: filosofia, hermenêutica e educação*** (D.26-28). Dentro do livro três capítulos: 1. Hermenêutica dos fragmentos e libertação, 2. Alarme de incêndio – a filosofia da história de Walter Benjamin, 3. Giro completo na barra horizontal – elementos de uma filosofia crítico-utópica da educação moderna; depois, uma cronologia da vida de Benjamin; um apêndice com imagens benjaminianas e outro com uma tradução da edição francesa do texto de W. Benjamin denominado *Fragmento teológico-político*, feita por mim juntamente com Carlos Gildemar Pontes, um aluno do Mestrado de Letras da UEPB que era professor da UFPB – Campus Bananeiras. Acredito ser aquela tradução pioneira do *Fragmento* no Brasil e também desconheço a existência até então de ensaios dedicados ao tema da educação em Walter Benjamin no Brasil e na América Latina, a não ser a pequena introdução feita por Willi Bolli para o livro de Benjamin, *A criança, o brinquedo e a educação*, na qual Bolli fala sobre a cultura infantil. Considero também digno de nota o fato do livro pretender apresentar o modo de pensar de Walter Benjamin como uma hermenêutica dos fragmentos.

IV. Professor como Profissão – (Convicções e Práticas)

Aprovado no ***Concurso para Professor de Filosofia***, especificamente para as disciplinas da área de **História da Filosofia**, tomei Posse como Professor Assistente – DE, com Mestrado, no dia **01 de outubro de 1998** (D.29) na Universidade Federal de Sergipe. Entendendo um pouco do sentido do trabalho docente, passei a experimentar a realidade de poder me dedicar completamente ao ensino e à pesquisa e fazer destas duas áreas as principais ênfases da minha trajetória, ainda que sempre colaborando com a gestão dos Cursos das duas Universidade Federais pelas quais passaria neste período: a Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Filosofia e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, no Departamento de Ciências Sociais.

Algumas convicções pedagógicas e filosóficas tiveram influência direta sobre as minhas práticas profissionais e estas dão o contorno da presença do “pensamento crítico” na minha trajetória. De modo bem abrangente posso elencá-las da seguinte maneira:

1. O Ser humano é o ser da ação interativa ou da relação, a qual se dá de um modo muito especial pela mediação do conceito ou do pensamento em forma de linguagem, fazendo do ser humano “o ser do sentido”. Da sobrevivência à alegria, do sofrimento aos mais incontáveis voos da imaginação, da morte ao singelo gesto de gentileza, do amor à omissão, tudo vivido em forma de sentido e de pensamento: Ecce homo.
2. A cada ação interativa ou expressiva é inerente uma recepção, uma reflexão, um ensino, uma avaliação e uma reação que vai do silêncio ao rechaço opositor. Nada se passa em brancas nuvens, nós nos marcamos uns aos outros, de perto ou de longe, de maneira suave ou exterminadora, de modo digno ou indigno. Mesmo que em boa medida nossa epocalidade tenha esquecido o que é compartilhar a vida em forma de vida coletiva, não seguimos, mesmo agora, sem estes efeitos.
3. Por isso, todo agente é falante e todo falante é agente. Toda palavra-ação precisa de acolhimento e o mais essencial, respeitoso e responsável de todos os acolhimentos se chama educação. Mestre Paulo Freire cravou o ensino de que educar é permitir ou agir para ensejar a cada um “dizer a sua própria palavra”, usei em minha prática fazer da educação antes de tudo um ato de audição ou de atenção. O rigor da filosofia, minha principal matéria de ensino, não estava na elaboração rigorosíssima do conceito, mas na constantemente ampliada capacidade de ouvir. O fato é que de verdade eu nunca quis a filosofia dos livros, apesar de com eles, nós professores, fazermos toda nossa fama e “fortuna”, sempre gostei mais de ver fluir o logos. Por isso mesmo paguei sempre um preço específico por esta conduta de recolher as contribuições dos autores com respeito e com a reverência ousada de admitir sempre que em algum momento eles falaram pela primeira vez sobre seus temas, mesmo que não fosse a primeira no mundo que alguém se pronunciou sobre o fenômeno convertendo-o em assunto. A Educação para a liberdade começa com o acolhimento da palavra e com o reconhecimento da dignidade e da competência dos falantes-ouvintes, por isso a minha dificuldade embaçante de chamar os estudantes de alunos (“sem luz”), neste sentido não tive alunos e onde os encontrei conformados a isto, lutei para desfazer esta impressão. Defendo que o pensamento não pode ser crítico se ele antes não for livre e dignificado.
4. Considerando a complexidade da instituição chamada Universidade, percebi que nela se faz política em todos os atos, de forma que procurei fazer de minhas participações em cargos e colegiados, além da sala de aula, um instrumento sempre atento para estes valores, o que sempre reverberou, não sem contradição, em atuação proativa e justa para com os colegas de profissão, mas, também, para com a comunidade ou para com a sociedade, tendo em vista este meu reconhecimento deste compromisso maior com o acolhimento, inclusive dos que estão de fora dos muros da Universidade. Comunidade esta que

exatamente por circundar a Universidade mostra a esta, por isso mesmo, o quanto esta é pequena e lhes pertence – em especial a Universidade Pública –. Esta convicção me fez em alguns momentos atuar de modo asperamente crítico e me recusar a endossar condutas e formar maiorias, ainda que fosse desde cedo crédulo no consenso como aposta na capacidade de convivência dos seres humanos, e continuo até hoje acreditando em consensos mínimos e em nossa capacidade de aceitarmos certa dose pessoal e coletiva de restrição (ou autorrestrição) como prova de ao sermos generosos sempre nos lembramos de que nenhum de nós está isento de demandar a generosidade do outro.

5. Por fim, acredito ser oportuno registrar que desejei sempre em minha prática profissional atuar de modo criativo. Neste ponto, o desejo esbarra no talento e também nas condições institucionais para viabilizar tais desideratos. Todavia, prossegui e prossigo incansável fazendo propostas, exigindo “mais prazos” (prévios), promovendo encontros inspiradores, apoiando iniciativas que concorram para incrementar uma cultura da criatividade e da pesquisa.

Penso serem estas convicções acima descritas aquelas que serão encontradas no conteúdo que consubstancia os 23 anos de atividades profissionais que compreendem o tempo em que decorreram todas as minhas 11 progressões e que podem ser organizados, para fins de exposição, em 4 períodos, os quais passarei a apresentar:

De 1998 a 2003 – Integração

Na descrição deste período vou me ater aqui apenas a aspectos pedagógicos e administrativos, ficando a pesquisa e a extensão para outros tópicos específicos.

Este período ocorre todo e exclusivamente na Universidade federal de Sergipe, em seu Departamento de Filosofia, na condição de professor efetivo lecionando as seguintes Disciplinas: *História da Filosofia Contemporânea*, *Ética II*, *Filosofia Política*, *Epistemologia das Ciências Humanas e Filosofia Social* para o Curso de Licenciatura em Filosofia; e para os Cursos de Psicologia, História, Odontologia e Pedagogia as disciplinas: *Metodologia da Pesquisa Científica*, *Introdução à Filosofia e Filosofia da educação* (Conforme o Currículo Lattes). Nestas disciplinas procurei realizar uma prática que sempre relacionava o pensar problematizante com a busca de aprofundamento no domínio dos conceitos, sempre mediando a abordagem com a história do pensamento e com a específica contribuição dos comentadores ou dos que se filiavam às grandes tradições e escolas do pensamento ocidental. Isto no caso do Curso de Filosofia estava bem de acordo com o espírito da formação, mas em desacordo com a ênfase fortemente analítica de alguns membros do colegiado do Curso, e também em desacordo com uma abordagem mais exegética (de origem estruturalista e muito praticada na USP) de centrar os cursos (disciplinas) em um único pensador por vez.

Ainda na condição de docente do Curso de Filosofia, e dando lugar ao meu interesse de estruturar uma carreira voltada para a pesquisa, participei das Comissões

de organização de algumas Semanas de Filosofia e tem todas elas sempre apresentei uma Conferência em Mesa Redonda ou Minicurso. Porém, a contribuição mais específica à Pesquisa no seio do departamento de Filosofia ficou por conta da criação do Grupo de Pesquisa “*Prometeus*” – Grupo de Pesquisa em Epistemologia e Ética UFS/Cnpq, junto com outros 5 docentes, ao qual me mantive ligado de 2000 a 2008; No *Prometeus* mantive pesquisa sobre Walter Benjamin e a Educação com a seguinte descrição sintética: “uma abordagem do pensamento crítico de Walter Benjamin e sua aplicação à cultura, à história e à educação”.

Foi também como professor do Curso de Filosofia que fui escolhido pela turma de 2002 como **Professor Homenageado**, e discursi na formatura dos Cursos do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFS representando a todos os professores homenageados. Na ocasião o discurso versou sobre a “**Uma certa prima pobre – A pobreza das Ciências Humanas nas Universidades Federais Brasileira como um Sintoma da Pobreza do Espírito Acadêmico Brasileiro**”. Tratava-se de uma Crítica a algo visto, estudado e de certa forma consentido pelas autoridades acadêmicas e políticas brasileiras, contra o que não se arregimentava nenhum tipo de movimento contestatório.

Neste mesmo período, fui membro constante do Colegiado do Curso de **Lic. em Filosofia** e por um mandato seu presidente (2000-2002) **Coordenador do Curso** (D.30). Concomitantemente, entre (1999 e 2000), **fui eleito Vice-Chefe do Departamento de Filosofia, vindo a me torna Chefe do DFL-UFS durante o ano 2000** (D.31), por força de licença médica do Chefe eleito. Foi durante estes dois mandatos que Dirigi um processo de “reforma curricular” do Curso de Lic. em Filosofia e também fui o responsável direto pela realização do Concurso de Provas e Títulos para o cargo de Professor Efetivo Adjunto para as Disciplinas História da Filosofia Antiga e História da Filosofia Medieval. Mesmo ainda não conhecendo o texto do jovem Walter Benjamin intitulado “*A reforma escolar: um movimento cultural*”, empreendi esforços para tornar a reforma do currículo do nosso curso como ocasião para uma discussão ampla do sentido do curso no contexto de um dos Estados mais pobres do Nordeste e também para discutir as interfaces e transpasses dos nossos conteúdos de ensino em relação a outros cursos e outras oportunidades de exercício do filosofar profissional que não apenas o espaço de sala de aula. Com toda certeza foi a inspiração freireana e a sintonia benjaminiana que me causaram os maiores infortúnios e também me proporcionaram as maiores alegrias neste feito.

Enquanto Chefe do DFL e membro do Colegiado do Curso fui designado representante do Departamento de Filosofia na Comissão de Convênio do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFS para criação dos cursos de Mestrado, dentre os quais o Mestrado de Filosofia.

Extra-departamento exerci mandatos de membro dos colegiados dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e de Licenciatura em História da UFS. Tendo também neste período **Coordenado o Núcleo de Integração da Universidade com Ensino Fundamental**

e Médio (NIUFEM) da Pró-Reitoria de Graduação (D.32) e foi igualmente nesta condição que participei do Colegiado do Fórum das Licenciaturas da UFS. Estando à frente do NIUFEM-UFS coordenei o Planejamento e a Elaboração das duas edições da Revista do Candidato da UFS dos anos 1999 e 2000.

Nada mais adequado para registrar ao final deste período do que a minha aprovação para cursar o Doutorado em Filosofia na Universidade Católica Portuguesa, em sua Faculdade de Filosofia na cidade de Braga – Portugal, cujo Projeto tinha por título: “Jürgen Habermas: a Ética do Discurso e a Questão Bioética” e tinha por objetivo estudar a contribuição crítica do pensamento de J. Habermas para a estruturação do campo da bioética e como a sua ética do discurso era detentora de um grande potencial crítico-emancipatório e humanista para o tratamento dos temas bioéticos, especialmente como crítica do pragmatismo e do neoliberalismo. Porém, como os recursos financeiros eram insuficientes para uma transferência para Portugal e tal projeto acadêmico passou a depender de uma Bolsa de estudos, este não pode ser desenvolvido, pois mesmo me inscrevendo para uma “Bolsa ALBAN” da União Europeia esta não me foi concedida pois das 2000 bolsas prometidas foram liberadas apenas 220 cotas, sendo a área de filosofia para brasileiros considerada não-prioritária, devido a existência de cursos de Doutorado em Filosofia no Brasil. Meu orientador em Portugal ainda levou a Congregação da Faculdade de Filosofia de Braga a me aceitar com a liberação dos pagamentos das propinas (mensalidades), mesmo assim nosso salário convertido em Euros não atingia os 2.500 Euros mínimos exigidos pelo país anfitrião. O processo foi arquivado posteriormente devido a transferência do Professor Dr. João Vila-Chã da Faculdade de Filosofia de Braga – UCP para a Universidade Gregoriana de Roma.

Como resultado destes esforços preparatórios de pesquisa publiquei em 2002, na Revista *Ágora Filosófica* da Universidade Católica de Pernambuco, o artigo intitulado **“Habermas e a questão bioética: uma nota biobibliográfica”** (D.33-34).

Datam deste período participações minhas em três conclave de destaque no campo da pesquisa filosófica e em especial para a Teoria crítica, sendo um Internacional e dois Nacionais, nos quais publiquei resumos completos e apresentei comunicação, além de participar dos debates em plenário. O primeiro, e mais antigo deles, foi o marcante Congresso Internacional de Filosofia promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em Belo Horizonte em 2000, o *Congresso Internacional sobre Ética do Discurso* (D.35), com a presença de ilustre filósofo professor e crítico de Jürgen Habermas e que com este divide a paternidade da ética do discurso, que foi o pensador alemão Karl-Otto Apel (1922-2017), acompanhado de Albrecht Wellmer e Matthias Kittner, neste congresso apresentei a comunicação: “Vernunft e Bildung em Jürgen Habermas”.

Neste mesmo ano 2000, apresentei duas comunicações, com resumos publicados em seus Anais, no Colóquio Nacional Dialética Negativa, Estética e Educação (D.36) promovido pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Metodista de

Piracicaba – SP e pelo GT Teoria Crítica e Educação da ANPED, com a presença dentre outros do teólogo, filósofo e educador Hugo Assmann, e no qual apresentei as seguintes comunicações: *“Hermenêutica dos fragmentos e educação libertária em Walter Benjamin – sobre as virtualidades pedagógicas do método filosófico de W. Benjamin”* e *“Giro completo na barra horizontal – esboço de uma pesquisa a respeito de uma reflexão benjaminiana sobre a educação moderna”*. No ano de 2001, no III Congresso de Filosofia Contemporânea de São João Del Rei – Funrei-MG (atual UFSJ), apresentei comunicação e publiquei resumo sobre o tema: *“Ética do Discurso e Interdisciplinaridade em J. Habermas”* (D.37-38).

De 2004 a 2007 – Consolidação

Este foi o período em que obtive licença e bolsa Capes para cursar o Doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vindo a retornar às minhas atividades na UFS no mês de Abril de 2008. Acredito que este foi um período de consolidação da minha vocação de ser um professor e pesquisador em Filosofia.

O que tinha a UFRJ de estrutura, em seu Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no Largo de São Francisco, no centro do Rio de Janeiro, tinha o Departamento de Filosofia de dividido e criando naquele momento outro Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Mesmo assim, pude fazer cursos com expressivos intelectuais tais como a Dra. Marina Velazco, especialista em Ética do Discurso; o Dr. Roberto Machado, grande especialista em Friedrich Nietzsche e Michel Foucault; e o Dr. Luigi Bordin, grande estudioso da teoria crítica e da teologia do judaísmo e do cristianismo. Com o Dr. Luigi Bordin desenvolvi produtiva parceria profissional e intelectual sendo levado por este para contribuir em suas aulas no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha e para quem escrevi ensaio sobre o filósofo judeu alemão Franz Rosenzweig (1886-1929), na disciplina “Filosofia e Judaísmo” do PPGFil, o qual também publiquei posteriormente em revista especializada, com o título: **“Franz Rosenzweig: Experiência e Messianismo”** (D.39-40). Outros dois artigos sobre Walter Benjamin e Bertholt Brecht foram produzidos por mim em coautoria com Luigi Bordin e publicados em revistas de filosofia no Rio de Janeiro e em Recife.

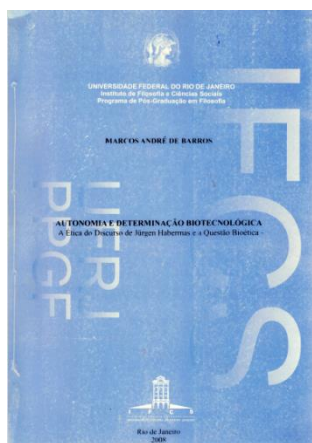
Este período também foi rico em aproximações que pude realizar acompanhando ex-professores da UFRJ e de Programas de Pós-Graduação em Filosofia de outras instituições em conferências, simpósios e congressos no Rio de Janeiro e fora deste, especialistas no pensamento de Habermas e em Filosofia, tais como os Drs. Rubem Alves, Ricardo Correia, Antônio Maia, Luiz Bernardo Leite Araújo e o tradutor de J. Habermas para o português, o Dr. Flavio Beno Siebeneischler, sendo estes quatro últimos reconhecidos comentadores brasileiros do pensamento habermasiano.

Encontram-se situadas nesta fase importantes participações minhas em eventos Internacionais e Nacionais. Aqui destacarei apenas os textos apresentados nos Eventos Internacionais, ficando as participações em eventos nacionais expostos em lista simples e sumariada no Currículo Lattes. Os Eventos Internacionais de Pesquisa foram:

em 2005, o **Colóquio Internacional Jürgen Habermas promovido pelo PPGFIL da Universidade Federal de Santa Catarina (D.41)**, onde apresentei o texto: *“Habermas e o Biopoder: a pessoa pré-nascida como um problema para a ética do discurso ante à instrumentalização da vida humana na era do biocapital”*, no qual desenvolvi e apresentei a crítica de J. Habermas à eugenia liberal (neoliberal) do mercado genético e sua reinvenção da escravidão na forma de “escravização genética”; e o **Congresso Internacional: Pessoa e Sociedade – Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga – Portugal, em 2005 (D.42)**, no qual apresentei o paper, e publiquei o resumo, com o título: *“A democracia deliberativa entre a moral e o direito em J. Habermas”*, em que procurei apresentar a teoria crítico-normativa de J. Habermas sobre a democracia e seu conceito, reconstruindo os argumentos de Habermas contidos nas obras *A inclusão do outro* e *Direito e democracia: entre facticidade e normatividade*.

Com o meu Projeto de Tese sobre “Autonomia e Determinação Biotecnológica a partir da Ética do Discurso de Jürgen Habermas” entrei no PPGF da UFRJ, com a orientação da Professora Dra. Maria Clara Dias e me integrei ao Centro de Ética e Filosofia da Mente – PPGF/UFRJ. De fato, naquele núcleo os estudos eram mais voltados para a filosofia da mente ainda que seus membros se notabilizassem como extremamente interessados pelas leituras em ética, incluindo a ética do discurso. O Núcleo de Filosofia da Mente, como era mais conhecido, possuía um funcionamento exemplar, oferecendo um ambiente de discussões e com adequado espaço para produção de textos, de que sinto falta até hoje.

Após quatro anos de pesquisa, a TESE se constituiu em um texto dividido em três partes: Parte I – Determinação Biotecnológica como Problema Filosófico, Parte II – Autonomia: Moral e Modernidade, parte III – Ética do Discurso e Bioética. Assim, na



primeira parte destaca-se o conceito de Instrumentalização da vida humana, na segunda parte realça-se a compreensão do conceito de autonomia no contexto de uma concepção intersubjetivista de pessoa, e na terceira parte a resposta da ética do discurso de J. Habermas para a instrumentalização da vida humana e os corolários epistemológicos para o seu protagonismo neste debate. O texto final da Tese de Doutorado aprovada teve por título: ***Autonomia e determinação biotecnológica: a ética do discurso de Jürgen Habermas e a questão bioética*** (D.43-44), e se autodescreveu nos seguintes termos em sua apresentação:

“A presente Tese investiga os corolários para a fundamentação da Ética do Discurso de Jürgen Habermas advindos de sua entrada na discussão bioética contemporânea. Levanta a questão da Ética do Discurso ter sofrido a desqualificação de seu fundamento universalista ao defender a necessidade de uma intervenção ético-social, na forma de controle, sobre as práticas científicas que resultam em instrumentalização da vida humana. Reconstruiremos o

argumento apresentado pela Ética do Discurso para justificar, em última instância, a intervenção da ética nos processos tecnocientíficos e econômicos de instrumentalização genética da espécie humana. A descrição destes processos indica que deles resultará uma determinação da vida moral dos sujeitos manipulados e uma alteração da autocompreensão ética da sociedade, a qual tem servido, até agora, para justificar o tratamento recíproco que devemos nos dispensar como seres iguais e dignos de reconhecimento e respeito mútuos. Esta determinação biotecnológica, que é gerada por uma articulação que envolve avanços no campo da genética médica... e práticas neoliberais do capitalismo biotécnico global, e tem, para a Ética do Discurso, sua mais forte expressão na geração de seres humanos fabricados em laboratório, dotados de distinção em relação aos demais seres humanos (criados) quanto à sua plena autonomia. Neste fato a ética visualiza a ocorrência de uma assimetria irreversível nas relações humanas, resultando no fenômeno da pluralização da espécie humana em gerações pós-humanas. Para uma ética que se caracteriza pela radicalização da historicização da moral e que admite a ampla falibilidade da razão, e ainda assim pretende ser universalista, a assimetria das espécies pós-humanas representa a desqualificação do universalismo da ética do discurso, uma vez que este não se situa apenas no nível do discurso teórico (universalismo epistemológico formal), mas, também, no campo do discurso prático (universalismo de valores, como a igualdade). Especulamos, ao final, sobre o potencial da própria Ética do Discurso para superar esta crise de fundamento”.

Este período de consolidação da minha formação como pesquisador junto a uma instituição com larga experiência e tradição de pesquisa, reconhecida pelo seu conceito junto à Capes e ao CNPq, resultou em um importante impulso para as minhas práticas acadêmicas, fazendo com que neste ciclo participasse de mais de 20 Eventos Científicos ligados à filosofia, entre semanas de filosofia, colóquios de pesquisa, seminários e congressos, nos quais apresentei 16 trabalhos sobre os temas da pesquisa do Doutorado e também sobre a teoria crítica, em especial sobre o pensamento de Walter Benjamin. Destes esforços resultaram as publicações de vários artigos em periódicos especializados e a inspiração para a produção e publicação de livros e capítulos de livros, o que detalharei no tópico sobre publicações e ensaios.

De 2008 a 2010 – Organização Profissional

Embalado pela obtenção do título de Doutor em Filosofia, um verdadeiro sonho realizado, retornei à Universidade Federal de Sergipe, trazendo na bagagem esta experiência, que inclusive se tornou internacional, a publicação dos artigos nas revistas de filosofia e uma disposição gigante de organizar minha vida profissional, meu espaço de trabalho e minha vida acadêmica. Só não contava, contudo, com a primazia do tempo e do imponderável que faria com que este fosse apenas um curto período para uma nova transição, pois a minha condição de arrimo, enquanto filho único, me faria ter de solicitar transferência para a cidade do Recife onde habitavam meus pais para cuidar de

grave problema de saúde que acometera meu genitor tornando-o completamente dependente dos meus cuidados, no final do ano de 2009. Sendo transferido para o Departamento de Ciências Sociais (DECISO) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), lotado na Área de Filosofia, provisoriamente, em 2010, permanecendo ainda ligado à UFS até que em 2011 a redistribuição se efetivasse (D.45).

Em pouco tempo, ao retornar, assumi as mesmas disciplinas de antes, a saber: *História da Filosofia Contemporânea, Ética II, Filosofia Política, Epistemologia das Ciências Humanas, Filosofia Social* e agora também a disciplina *Filosofia no Brasil* para o Curso de Licenciatura em Filosofia; e para os Cursos de Psicologia, História, Odontologia e Pedagogia as disciplinas: *Metodologia da Pesquisa Científica, Introdução à Filosofia e Filosofia da Educação*.

Neste mesmo ritmo, fui reconduzido ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Filosofia no qual me mantive atento à vivência não violenta do PPC do Curso e aos honrosos objetivos por este especificados.

Por indicação do Departamento de Filosofia tornei-me membro titular do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFS. Ali a convivência com uma equipe multiprofissional de professores doutores pesquisadores foi muito enriquecedora. Este era o único comitê de ética do Estado de Sergipe e, portanto, atendia a todas as demandas das pesquisas realizadas em laboratórios de autarquias estatais e particulares, dos Hospitais, Clínicas, Instituições de Saúde e de todos os departamentos da UFS e das demais Instituições de Ensino superior do Estado de Sergipe.

Na atuação como membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UFS (CEP-UFS) pude praticar e efetivar muitos dos meus conhecimentos, valores e convicções adquiridos e refletidos durante o doutorado e também avaliar a efetividade de seus efeitos nas práticas institucionais. Era a ética do discurso na prática, mas não somente esta, pois ao longo da trajetória interessei-me por outros pontos de vista e fui levado a analisa-los com a mesma disposição e respeito, pois naquele Comitê participavam além dos pesquisadores, filósofos, psicólogos e sociólogos, membros da sociedade civil representando o poder judiciário e as expressões religiosas.

Foi durante esta atuação no CEP que organizei em 2009 o I Simpósio de Bioética do CEP-UFS, com especialistas do Brasil, que realizaram conferências sobre os temas de sua especialidade e no qual apresentei uma conferência sobre o tema: *“Homo Fabricatus: é suficiente a técnica para manipularmos (laboratorialmente) a vida humana?”* Deste simpósio também tomaram parte os Drs. Hermínio Lins (PPG Medicina - UFS), Marcelo Pelizolli (PPG Direitos Humanos e PPGF - UFPE) e André Martins (PPGF e PPG Medicina- UFRJ). Na conferência que apresentei, procurei destacar a crítica (filosoficamente necessária) ao processo de transformação da ética e da bioética em técnicas nas mãos dos especialistas, o papel humanista da inclusão dos conteúdos de ética e política na formação educacional geral e a função dos CEPs como forma de prevenção contra a barbárie e em defesa e proteção da vida.

Minha atuação no CEP também fez com que eu fosse convidado para integrar o Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFS, assim para as turmas de Mestrado e Doutorado ministrei a disciplina Bioética, em cuja ementa estavam destacados os fundamentos da ética e da Bioética, suas várias acepções e uma abordagem de vários temas de interesse para a bioética tais como a eutanásia, a reprodução medicamente assistida, o aborto e a ecoética.

Organizando minhas ações no campo da pesquisa tornei-me avaliador local do Programa de Iniciação Científica da UFS de 2009 e, neste mesmo ano, criei como Coordenador o Grupo de Pesquisa em Ética, Linguagem e Teoria Social (ETHOS) Cnpq/UFS, do qual fizeram parte os Drs. Óliver Tolle, Tharic de Atheyde Prata, Constança Marcondes César e Rivaldo Sávio.

Como podem ser vistos no Currículo Lattes, nestes anos, coordenei e participei da coordenação de vários Eventos Científicos tais como as Semanas de Filosofia do DFL - UFS, mesas redondas e colóquios de pesquisa do Prometheus Cnpq-UFS e do ETHOS Cnpq-UFS. Dentre estes Eventos por mim coordenados destaco I Simpósio Internacional de Pesquisa Filosófica do PROMETEUS, em 2009, com a presença do filósofo Francês Dr. Bernard J. Jaques Charlot (Universidade de Paris 8) e o I Seminário Nacional de Pesquisa do Grupo ETHOS, em 2010, com a presença do professor Dr. André Martins (UFRJ) com uma Conferência sobre F. Nietzsche e do professor Dr. Marcelo Pellizoli (UFPE) com uma conferência sobre Emmanuel Levinas.

Deste momento na UFS é também digna de destaque a publicação do meu livro **Filosofia da História** pela EdUFS/CESAD, São Cristóvão - SE, 2010 (D.46-47). Composto por 10 capítulos no formato de 10 aulas sempre seguidas de resumo, atividades, comentários sobre as atividades, convite à próxima aula e referências bibliográficas. O livro se destinava ao Centro de Educação Superior à Distância (CESAD) da UFS e tinha por objetivos subsidiar a disciplina Filosofia da História para o Curso de Licenciatura em História EAD – UFS. A obra levantava as questões críticas da interface entre História, Historiografia e Filosofia da história, indagava pelas relações entre filosofia e história na antiguidade, apresentava a visão cristã e judaica da história e sua marca no pensamento ocidental, expunha as visões de Kant, Hegel, Marx e dos teóricos da escola de Frankfurt sobre a história e suas relações com os dramas vividos na modernidade.

Entre 2004 e 2009 publiquei outros 7 artigos em revistas de filosofia no Brasil, todos sobre temáticas relativas à teoria crítica da Escola de Frankfurt, dos quais falarei com mais detalhamento no tópico dedicado às Pesquisas, Livros e Ensaios.

Ainda em 2010, apresentei dois trabalhos no III Simpósio Internacional de Ciências da Religião e Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, promovido pelo PPGCR, e em cujos ANAIS publiquei os textos completos, com os seguintes títulos: “*Jürgen Habermas e a persistência da religião na sociedade pós-secular*” e “*Sofrimento, expressão e vulnerabilidade: a ética do discurso de J. Habermas e os fundamentos do diálogo inter-religioso*”. Como se pode notar pelos títulos, este

textos representam mais esforços de aplicação da teoria crítica de J. Habermas a questões de grande relevância social e política.

Quando de minha transferência provisória para a UFRPE, em 2010, passei todo este ano cooperando com a área de filosofia do DECISO – UFRPE. Naquela ocasião lecionei as seguintes disciplinas: *Introdução à Filosofia, Ética Profissional e Filosofia da Ciência e Ética*, para os cursos de Bacharelado em Administração, Ciências Sociais e Medicina Veterinária respectivamente.

De 2011 a 2020 – Reestruturação e Adaptação

A efetivação de minha transferência para UFRPE aconteceu no ano de 2011 (D.45), para tanto precisei, por meio de processo, ver reconhecida pelos professores que compõem a Área de Sociologia do DECISO a minha adequação pelo meu desempenho para atender as demandas da área. O que os levou a esta decisão, dentre outras coisas, foi a minha dedicação contínua aos estudos dos pensadores da Teoria Crítica, os quais são ao mesmo tempo filósofos e sociólogos, como é o caso de Walter Benjamin, Jürgen Habermas e Axel Honneth, aos quais me dediquei de modo mais objetivo na ministração de cursos, conferências e publicações.

Integrado à Área de Sociologia, mesmo que ainda colaborando com a área de filosofia, passei a lecionar as seguintes disciplinas: *Introdução à Sociologia, Sociologia da Comunicação, Pensamento Social Brasileiro* e as disciplinas optativas: *Teoria Crítica, Teorias da Modernidade e Teorias do Reconhecimento* (D.48-60). Em relação a estas três disciplinas optativas, tive a oportunidade de participar do processo de Reformulação do PPC do Curso de Bel. em Ciências Sociais e na ocasião propus e foi aceita pelo Colegiado a criação das disciplinas acima referidas, as quais venho lecionando ininterruptamente para o Curso de Ciências Sociais. Nestas três disciplinas condensa-se o principal dos temas e das propostas interpretativas dos membros da Escola de Frankfurt e seus desdobramentos mais atuais, mas ampliam-se as análises para abranger outras abordagens críticas do pensamento ocidental, como se pode notar pelas suas ementas constantes do PPC do Curso de Bel. Ciências Sociais da UFRPE, abaixo transcritas:

- **Teoria Crítica** – a Escola de Frankfurt sua origem e seu significado. Teoria tradicional e teoria crítica. Walter Benjamin e a deformação da experiência na modernidade. T. W. Adorno e Max Horkheimer: a sociedade administrada e a dialética do esclarecimento. H. Marcuse: o conceito de sociedade unidimensional. J. Habermas: a razão comunicativa e a emancipação pela democracia participativa.

- **Teorias da Modernidade** – Os conceitos de moderno e modernidade. A modernidade Iluminista. As teorias céticas da modernidade. As teorias

críticas da modernidade. As teorias da pós-modernidade e as teorias reflexivas da modernidade.

- **Teorias do Reconhecimento** – O conceito de reconhecimento no pensamento de G.W.F. Hegel: textos de Yena e na Filosofia do Direito. J. Habermas e a comunicação como reconhecimento. As teorias do reconhecimento de G. Taylor, Axel Honneth e Nancy Frazer.

Tenho me mantido na UFRPE, desde 2011, participando semestralmente de pelo menos dois Colegiados de Coordenação Didática – CCD dos seguintes Cursos: Bel. Medicina Veterinária, Bel. Administração, Lic. em Matemática e Lic. em História EAD-UFRPE; como membro do Núcleo Docente Estruturante – NDE dos cursos de Lic. História EAD-UFRPE, do curso de Lic. em Ciências Biológicas e do curso de Bel. em Ciências Sociais (D.61-63).

No DECISO tenho participado semestralmente de comissões provisórias para as Semanas de Ciências Sociais, para os GTs dos PPCs do Curso de Bel. C. Sociais; assim como tenho participado das Comissões Permanentes: COAA – Comissão de Orientação e acompanhamento dos alunos, Comissão de Ensino e Comissão de Pesquisa. Em todas estas, especialmente no caso do DECISO, tenho me esforçado para fazer valer os princípios acima apresentados e, também, no especial esforço de realizar certo protagonismo na consolidação de uma cultura da pesquisa no Departamento, sobre o que falarei com mais detalhes no tópico abaixo sobre Pesquisa, Livros e Ensaios.

Mesmo tendo obtido o aceite para realização de Estágio de Pós-doutorado das Universidades de Coimbra- Portugal e de Santiago de Compostela – Espanha, esta última para a tutela do Filósofo e Teólogo Andrés Torres Queiruga, preferi apresentar prazerosamente ao DECISO a aprovação da minha candidatura ao Pós-Doutorado por parte do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPE, na área de Filosofia do Direito, sob a tutela do Dr. Michel Zaidan Filho e com projeto de Pesquisa com o título: ***Justiça como reconhecimento no pensamento de Axel Honneth*** (D.64), que se propunha a um estudo de obras, recentemente publicadas pelo filósofo alemão também pertencente à teoria crítica e diretor do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt, com cujo projeto obtive liberação das minhas atividades de ensino por um ano em 2018. Tendo em meu retorno, após o termino do estágio pós-doutoral, transformado em capítulo de livro o resultado da pesquisa. Também como parte do meu plano de trabalho neste Pós-doc. propus e ministrei duas disciplinas (Tópicos Avançados) para a Pós-graduação em Direito da UFPE (Mestrado e Doutorado do PPGD), com os Temas: *“Razão comunicativa, Ética e Direito em Jürgen Habermas”* e *“Justiça como Reconhecimento em Axel Honneth”* respectivamente.

A criação do **Grupo de Estudos Teoria Crítica** (D.65), data de 2011, que também foi transformado em Grupo de Pesquisa junto ao Cnpq, faz parte do conjunto de esforços a que me tenho proposto visando promover a cultura da pesquisa no DECISO;

para tanto, também tenho proposto projetos de pesquisa ao Programa de Iniciação Científica – Pibic/Pic da UFRPE e dos quais tratarei mais adiante. A proposta do Grupo de Estudos Teoria Crítica é a de estudar as obras dos autores da Teoria Crítica e seus comentadores e críticos; sendo bastante amplo este espectro tenho optado por fornecer constantemente cursos introdutórios visando a recepção dos novos interessados e, ao mesmo tempo, tenho acolhido os interesses de pesquisa trazidos pelos estudantes e outros colegas professores para estabelecermos as pautas semestrais de discussões e estudos, já que educar é ouvir e acolher.

Convém também destacar neste espaço que meus interesses em publicações depois de minha chegada à UFRPE cresceram e resolvi fazer uma espécie de projeto editorial, e exatamente neste sentido publiquei neste período 5 livros autorais e 1 livro organizado, todos no campo da filosofia e com destaques para os autores e temas da teoria crítica. No último tópico desta narrativa passarei a apresentar este projeto.

V. Extensão e Formação de Professores (Um belo compromisso)

Como encarar a extensão senão como comunicação ou como troca de saberes, como havia ensinado criticamente o mestre Paulo Freire? O difícil é fazer isto acontecer ou funcionar quando se tem uma expectativa que já dicotomiza os envolvidos em dois grupos ou dois lados: os que sabem e têm algo a oferecer e os que estão interessados. Mesmo sabendo que o papel de seduzir cabia mais a quem tomasse a iniciativa da comunicação, nunca acreditei que o assim chamado “público alvo” pudesse ser reduzido a apenas testemunhas ou receptáculo de um belo, e nem sempre compreensível, ato de conhecimento; a clara diferença estaria na relação com o conhecimento e era isto que interessava praticar. Foi para fazer valer esta convicção que criei um Projeto de Extensão e participei de outros três Programas Especiais de Formação de Professores.

O *Projeto de Extensão* chamado “*Ciranda do Pensar*”, devidamente registrado na Pró-reitoria de Extensão da UFS, queria fazer “cirandar”, ou seja, trocar os passos, fazer experimentar a caminhada caminhando com os caminhantes. O objetivo era levar a experiência do pensar filosófico para um público inscrito nos cursos técnicos que não possuíam a disciplina filosofia, indo até eles e trazendo-os até o nosso campus. Assim tentamos alcançar pessoas cursando seminários menores evangélicos, estudantes de conservatório de música e cursos técnicos em construção civil, etc. Nosso cenário era composto por um Banner, duas cadeiras giratórias estilo poltrona e um pequeno centro de apoio. Assim, recebíamos convidados que já chegavam para responder uma pergunta que dava tema àquela edição. Bimestral, cada edição trazia um representante das diversas áreas do conhecimento, e, portanto, a ideia do filosofar não pertencia somente aos filósofos profissionais. Desse modo, entrevistamos: um filósofo, um historiador, um psicólogo, um astrofísico e perguntamos a cada um respectivamente: filosofia, e eu com isso? O corpo possui história? Religião, qual a necessidade? O Universo, o quanto nós o enxergamos? Cada edição vinha combinada também com arte, ocorreu recitação de poesia e execução de música ao violino e ao teclado.

Entre os anos 2001 e 2003 participei como professor formador e conteudista do convênio da UFS com o Movimento dos Sem Terra – MST, neste convênio havia o **“Projeto de Formação do Educador Popular, no Nível Médio, em Áreas de Reforma Agrária – Sergipe”**, financiado pelo Pronera – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária do INCRA, e se propunha a formar o educador popular com cursos em formato semipresencial. Contribuí para a construção do projeto, na ministração nos encontros presenciais e na produção do material do Caderno de Aprendizagem para o módulo disciplinar de *Filosofia*, e em coautoria para os módulos de *Tópicos Especiais em Educação* (filosofia da educação) e *Fundamentos Sócio-antropológicos da Educação* (D.66-68). Deste curso se formaram algumas turmas e posteriormente, com base nele, foi proposta a Licenciatura em Pedagogia para o MST, sempre com todos os esforços mediados pela Pró-reitoria de Extensão da UFS.

Desta experiência destaco a presença das ideias dos educadores brasileiros Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Rubem Alves, Marilena Chauí e Álvaro Vieira Pinto e os estrangeiros: Enrique Dussel, Maria Tereza Nidelcof, Walter Benjamin e Jürgen Habermas como as que mais influenciaram esta produção bibliográfica e as práticas de ensino. No contexto dessa produção está um dos textos pelos quais tenho maior apreço e oferecem maior significado e certa originalidade ao meu pensamento, o qual destacarei mais adiante.

PQD – Programa de Qualificação Docente – “Licenciaturas no Interior” era o nome do projeto promovido pela UFS durante os anos de 2000 – 2010 e do qual pude participar como docente. Tratava-se da oferta de Cursos de Licenciatura para a formação de professores do interior do Estado de Sergipe que já atuavam em sala de aula, mas que não possuíam uma licenciatura. Cumprindo as exigências da LDB o Governo do Estado de Sergipe e as prefeituras estabeleceram convênio com a Universidade para formar os professores e foram criados 6 polos em cidades estratégicas do Estado: Propriá, Itabaiana, Estância, Nossa Sra. da Glória, Lagarto e Grande Aracaju. Foram 4 edições do programa cobrindo todas as áreas do ensino: Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática, Biologia, Química, Física e Educação Física. Nestes cursos presenciais atuei como professor das seguintes disciplinas: *Introdução à Filosofia*, *História da Educação*, *Filosofia da Educação*, *História da Criança* e *Filosofia da História*. Este programa serviu como um piloto para a interiorização da UFS, que durante o Governo LULA tornou-se uma Universidade multicampi, com campus em Aracaju, Laranjeiras, Nossa Sra. da Glória (Sertão), Itabaiana, Lagarto e São Cristóvão (Sede).

Nesta atuação ressalto o papel que voluntaria e intencionalmente procurei desempenhar de promover eventos que promovessem abordagens interdisciplinares como uma mesa de debates sobre a *“Mulher Nordestina: saúde, história e literatura”* com professores das diversas áreas e sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente denominado *“ECA: um olhar jurídico, histórico e filosófico”*. Prazer especial foi-me proporcionado pelo ensino da disciplina *História da Criança* para o curso de Pedagogia, uma discussão da ideia de infância no ocidente e sua presença na vida social, no

trabalho, na escravidão e na república brasileira, todo o percurso na companhia de Heródoto, Rousseau, Kant, Philippe Ariès, Walter Benjamin e Mary Del Priore, dentre outros.

Outro grande desafio profissional e intelectual representou para mim a **Educação a Distância - EAD**. Frequentador do debate sobre ensino noturno em nível médio e superior no Brasil, sobre suas limitações e sobre a sua precariedade, aos meus olhos a EAD parecia ter maiores dificuldades ainda. As opções seriam: não participar e criticar de fora ou participar e olhar a partir de dentro. Era muito difícil abrir mão de um certo padrão de qualidade, especialmente referenciado no ensino diurno e integral, mas entendi que se quiséssemos incluir ou integrar certos grupos econômicos era necessário flexibilizar e ao mesmo tempo lutar pela qualidade, em especial com o uso das tecnologias digitais e com a produção de textos didáticos especiais.

Aceitei, não sem reflexão, o convite das Universidades (UFS e UFRPE) para participar de seus convênios com a UAB – Universidade Aberta do Brasil. Deste modo e com a mesma intenção de interdisciplinarizar, realizar uma docência que prepara para o pensamento crítico e interessado em contribuir para uma cultura da pesquisa, resolvi participar da EAD nos Cursos de Licenciatura em História, Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Administração Pública. Para estes cursos lecionei as seguintes disciplinas: *Filosofia, Filosofia da História, Filosofia e Ética, História contemporânea, Sociologia, Filosofia da Educação e Ética e Educação* (D.69-91). Em relação a esta última, considero um privilégio ter criado e oferecido ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História EAD/UFRPE a disciplina e tê-la aprovada e inserida no PPC do Curso.

“Ética e Educação – Ementa: Os conceitos fundamentais da relação entre ética e educação: Ethos, ética, paideia, práxis e política. O projeto pedagógico da modernidade iluminista e o lugar da ética. Hegel e Marx e a autoprodução do ser humano. Críticas nietzschianas e foucaultianas à autopoiesis. Cidadania, multiculturalismo e pós-nacionalismo. Educar para humanizar, libertar e reconhecer”.

Ainda na perspectiva de preparar professores reflexivos, formados no pensamento crítico e visando contribuir para uma cultura da pesquisa e para o ensino emancipatório participei por vários mandatos como membro do *Colegiado da Coordenação do Curso – CCD* e do *Núcleo Docente Estruturante* ambos do Curso de Licenciatura em História EAD da UFRPE (D.92).

Para as Licenciatura em História EAD-UFRPE, enquanto Professor Conteudista, produzi mais de duas dezenas de videoaulas (D.69-91) e o **Livro Filosofia da História - Caderno de Aprendizagem** – (História EAD-UFS) (D.46-47).

VI. Pesquisas, Ensaios e Livros: por uma Cultura da Pesquisa

Uma parte bem significativa da minha vocação docente mostra-se como professor-pesquisador, o que para mim se transforma em uma atividade de “animador”

ou “ativista” cultural com o objetivo de criar por onde passo uma Cultura da Pesquisa. Meu esforço é na direção de fazer com que o ato de pesquisar se torne leve e sério, especialmente para a introdução dos novos estudantes, aos quais tenho me dedicado desde o início de minhas atuações professorais.

Ao longo dos 23 anos de docência em Universidades Federais participei de três Grupos e de um Centro de pesquisas, os quais foram: o Prometeus Cnpq-UFS, o Polissemia da Ação Humana Cnpq-UFPE, o Núcleo de Estudos Eleitorais Partidários e da Democracia NEEPD Cnpq-UFPE (D.93-96), ao qual estou ligado até hoje e o Centro de Ética e Filosofia da Mente (CEFM) Cnpq-UFRJ. Também fundei e coordenei dois Grupos de Pesquisas com registro no Cnpq: o Grupo ETHOS Cnpq-UFS (2009) e o Grupo Teoria Crítica Cnpq-UFRPE (2011). No Centro de Filosofia da Mente desenvolvi a pesquisa do Doutorado em quatro anos, nos demais apresentei projetos (conforme constam no Currículo Lattes), os quais passo a sintetizar:

A Nova Teoria Crítica: a ética em Jürgen Habermas e Axel Honneth. Grupo ETHOS Cnpq-UFS – 2009 – 2010.

Estudo e análise das obras de J. Habermas e A. Honneth e seu significado para o atual desenvolvimento da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Neste estudo haverá uma comparação e uma busca de identificação do elemento diferenciador das fases da Escola de Frankfurt buscando entender como participam desta transformação não só o "giro pragmático-linguístico", mas, também, o conceito de democracia. A Análise das questões referentes à fundamentação da ética: o ponto de vista moral, justificação do discurso ético, o desenvolvimento moral, justiça, reconhecimento e o conceito de democracia pretendem alcançar os textos mais atuais deste debate, sobretudo visando esclarecer o pensamento de Habermas e Axel Honneth. Os comentadores terão também lugar de destaque principalmente os franceses, os americanos e os espanhóis.

História, Cultura e Crítica: Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin – NEEPD Cnpq-UFPE. 2000-2010.

Estudo e análise das obras de F. Nietzsche e W. Benjamin sobre o conceito de história e suas respectivas teorias críticas da cultura e da modernidade. Explicação das críticas de Nietzsche e Benjamin às correntes de pensamento histórico, cultural e político representadas pelo positivismo, historicismo e marxismo. Destaque para os conceitos de memória, poder, linguagem, "redenção", utopia, formação (bildung), barbárie, decadência e tragicidade. Reflexão sobre um novo conceito de historiografia como crítica das concepções de história e cultura da modernidade e suas respectivas recepções no Brasil. Análise crítica da recepção "ambígua" do pensamento de Walter Benjamin por marxistas, neo-iluministas e pós-modernos, principalmente na Alemanha, nos EUA e no Brasil. *Pesquisa que representa uma continuidade dos Projeto de 1995-1998 (UEPB/UFS) que abordam o pensamento crítico de Walter Benjamin e sua aplicação à cultura, à história e à educação.

Formação Cultural, Infância e Juventude em Walter Benjamin – GTC Cnpq-UFRPE – 2011-2013.

Analisar os conceitos de infância e Juventude no "Corpus Benjaminiano", frente ao seu conceito de experiência e de formação cultural. Indagar pela configuração crítica do sujeito da modernidade e de seu papel emancipatório junto à educação e à política. Explicitar como em W. Benjamin surge a configuração de uma "cultura infantil" e de uma "vocalização juvenil" voltadas para a extrema radicalidade da liberdade e como esta liberdade explica a construção e a manutenção de uma cultura autoritária adultocêntrica para a escola, para o trabalho e para diversos outros âmbitos da vida social.

Ética do Reconhecimento e Democracia em J. Habermas e A. Honneth – NEEPD Cnpq-UFPE – 2012 – 2014.

Analisar os conceitos de Reconhecimento e Democracia no pensamento de J. Habermas e A. Honneth em suas obras principais e no debate ocorrido em periódicos internacionais. Explicitar as fontes de uma teoria ética do reconhecimento na Escola de Frankfurt, bem como a interconexão entre as teorias do socialismo, da socialdemocracia e do liberalismo presentes na base das concepções de democracia de Habermas e Honneth. Reunir elementos para a aplicação destas teorias aos campos da interpretação das sociedades, da cultura, da religião e da educação.

Contra a Barbárie do Desperdício da Experiência: J. Habermas e Boaventura de Souza Santos entre hermenêutica e democracia – 2014-2016.

A pesquisa pretende uma aproximação entre a teoria discursiva da democracia e da ética de J. Habermas e os conceitos de hermenêutica diatópica e tradução na sociologia de Boaventura de Souza Santos. A consciência de uma crise enfrentada pela modernidade europeia e pelas suas formas de saber apontam para a necessidade de ampliação e efetivação do diálogo intercultural, tornando-se essencial a construção de mediações teórico-metodológicas para tanto, interessando-nos saber o quanto estas duas perspectivas teóricas são potentes e capazes de diálogo na construção desta mediação, que será uma arma eficaz no enfrentamento da barbárie e do desperdício da experiência.

A Dialética da Esperança: Experiência Juvenil e Educação no Pensamento de W. Benjamin – GTC – Cnpq - UFRPE - 2014-2017.

A pesquisa pretende analisar e refletir sobre os conceitos de experiência, experiência juvenil, educação e cultura e as relações entre estes no pensamento social do filósofo e sociólogo frankfurtiano Walter Benjamin. Objetiva esclarecer a crítica da desjovialização realizada pela educação e pela transmissão cultural na modernidade e

compreender o lugar do sagrado/sublime na condição juvenil e sua reestruturação pela potência da destrutividade na cultura juvenil e pelo seu elã utópico.

O Conceito de Justiça como Reconhecimento em Axel Honneth – NEEPD-Cnpq-UFPE.2018-2020.

Estudo e análise das obras recentes de Axel Honneth nas quais recebem contornos os principais conceitos que constituem a teoria da justiça deste pensador. Objetivamos pensar com o autor de conceitos críticos como os de sociedade da reificação e de sociedade do desprezo a respeito do conceito de justiça como reconhecimento, a partir de um exercício denominado por Axel Honneth de “reconstrução normativa”.

Walter Benjamin e Hanna Arendt: diálogos sobre Poder e Liberdade – GTC – Cnpq-UFPE. 2017-2018.

A pesquisa pretende ser um estudo sobre as mútuas influências entre Walter Benjamin e Hannah Arendt, o modo como ambos compreendem o poder de forma negativa, mas que permite pensar a arte como uma forma positiva de exercício do poder por relacionar esta forma específica com a ideia de liberdade, tudo isto torna esta questão ao mesmo tempo relevante e inquietante para o pensamento político contemporâneo.

Para superar o pessimismo óbvio em relação à educação da modernidade – A educação em Walter Benjamin e Theodor Adorno: aproximações. GTC-Cnpq-UFPE. 2020-2022.

A Pesquisa pretende apresentar uma síntese justificada das conclusões críticas a que chegaram as reflexões filosóficas de Walter Benjamin (1892-1940) e Theodor W. Adorno (1903-1969) a respeito da educação enquanto projeto e sua realização pela modernidade, e conseqüentemente justificar em que se baseia o “pessimismo óbvio” destes pensadores em relação à educação na modernidade e o enquadramento desta enquanto pseudoformação e barbárie, na qual todo o potencial criativo, imaginativo, político-libertário e de autonomia dos indivíduos é negado e reprimido. Interessa-se também a pesquisa por especular sobre um eventual conjunto de proposições para uma superação deste trágico diagnóstico da educação da modernidade no pensamento destes mesmos filósofos, principalmente a partir das relações por eles propostas entre: experiência, juventude e cultura; infância, imaginação lúdica e liberdade; consciência de classe, escolarização e transmissão da cultura histórica; memória, reflexão crítica e arte; entre outras.

Vulnerabilidade, Reconhecimento e Democracia. NEEPD-Cnpq-UFPE. 2020-2022.

A pesquisa se propõe a aprofundar as relações entre os conceitos de vulnerabilidade, reconhecimento e democracia, procurando apurar o senso antropológico necessário à

compreensão da condição humana da vida em sociedade e a inafastável contrapartida ética exigida para a sobrevivência digna dos seres humanos. Neste processo dialético a democracia exerce um importante papel de mediação do processo contínuo de autonomização e dignificação do ser social. As principais fontes destes estudos são: J. Habermas, Axel Honneth, Enrique Dussel, Boaventura de Souza Santos, Nancy Fraser, Adela Cortina e Leonardo Boff.

A Religião em Forma de Capitalismo: aprofundando a crítica da religião. GTC-Cnpq- UFRPE. 2021-2023.

Um estudo que pretende revisar a crítica de Marx à religião e a tese weberiana das relações entre a ética religiosa protestante e o espírito do capitalismo a partir das análises de Walter Benjamin, Enrique Dussel, Franz Hinkelamert, Hugo Assman e Jung Mo Sung, e caracterizar a presença do espírito religioso nas formações histórico-culturais em especial nas concepções de economia e trabalho.

Sempre acompanharam estas pesquisas o incentivo e o apoio aos estudantes para que estes se integrassem tanto ao nosso Grupo de Estudos Teoria Crítica – uma atividade de ensino com funcionamento regular semanal –, quanto para que participassem como pesquisadores iniciantes nos programas mantidos pelas Universidades chamados de PIBIC e PIC. Para estes programas contribuo desde 1998 quando fui membro do *Comitê Interno* do PIBIC da UEPB (D.97), na UFS fui avaliador local do PIBIC para o ano de 2009 e na UFRPE exerci mandato de 2 anos no Comitê Interno do PIBIC como representante do DECISO (2016-2017), além de ter sido neste mesmo comitê suplente por mais um mandato.

Dando continuidade à minha caminhada como professor-pesquisador orientei diversos TCCs, Iniciação Científica e Projeto de Pesquisa para Bolsa Trabalho os quais passo a listar abaixo, chamando atenção para o fio condutor da “tradição da crítica” que perpassa todos os temas:

1. Yure de Miranda Cassiano. **A Era Digital e a Personalidade Mercantil**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Orientador: Marcos André de Barros.
2. Jairo Hely de Souza. **Identidade quilombola: o reconhecimento em questão**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Orientador: Marcos André de Barros.
3. Walter Santos. **A TV como Mistificação das Massas**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Orientador: Marcos André de Barros.
4. Thiago Silva dos Santos. **Conselho Municipal de Cultura do Recife: um caso de democracia deliberativa?** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Orientador: Marcos André de Barros.

5. Selma Maria Sobral. **História, Messianismo e Política em Walter Benjamin**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
6. Gleide Selma Moreira de Alcântara. **Teoria da Ação Comunicativa e Direitos Básicos**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
7. José Colares Júnior. **A Concepção de Infância no Pensamento de Walter Benjamin**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
8. Kleber Melo de Carvelho. **O Conceito de Cultura em "Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino " de F. Nietzsche**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
9. Terezinha Bento. **O Conceito de Teoria Crítica em Max Horkheimer**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
10. Max Erb dos Santos. **Comunicação e Reflexão em Jürgen Habermas**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
11. Edmilson Martins dos Santos. **Existencialismo e Liberdade em Jean-Paul Sartre**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.
12. Sormane Silva de Araujo. **A Moral do Escravo em Nietzsche**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.

Iniciação científica:

1. Tiago Macedo Bezerra Maia. **A Dialética da Esperança: os conceitos de experiência, cultura juvenil e formação em Walter Benjamin**. 2017. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Orientador: Marcos André de Barros.
2. Tiago Macedo Bezerra Maia. **O social e o político entre a esperança e a liberdade diante das sombras do tempo: contribuições críticas à modernidade nos pensamentos de Walter Benjamin e Hannah Arendt**. 2020. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Orientador: Marcos André de Barros.

Orientações de outra natureza (Bolsa trabalho)

1. Valdelúcia dos Santos Silva. **Walter Benjamin: Um Paradigma Indiciário em História?** 2010. (História) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Marcos André de Barros.

Na maioria das vezes, esta mesma temática da crítica foi o fio condutor que ensejou os convites e as participações especiais em eventos e bancas das quais participei como examinador na graduação, os quais somados são mais de 100 trabalhos e participações conforme pode ser lido no Currículo Lattes. Destaco, porém, as minhas participações em Bancas de mestrado e Doutorado:

Teses de doutorado:

- Participação em Banca de Francisco Ramos Neves. **Metafísica do Tempo Presenta: Sobre o Programa de W. Benjamin para uma filosofia futura.** 2015. Tese (Doutorado em Doutorado Interinstitucional em Filosofia: UFPE, UFPB e UFRN.) - Universidade Federal de Pernambuco. **BARROS, M. A.**; ZAIDAN, Michel; MORAES, A.; VAZQUES, J.; BONACHINE, J.

Dissertações de Mestrado:

- Participação em banca de Josinaldo Dantas da Silva. **Theos e Logos na relação entre o Mito e a Ciência: o objeto de estudo na área das ciências das religiões.** 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba. **BARROS, M. A.**; FERREIRA, A. G.; SELMA, M.

- Participação em banca de Diego Nieto de Albuquerque. **A Greve como Luta Contra-hegemônica para uma Economia Moral: uma análise a partir da Pós-modernidade e dos novos movimentos sociais.** 2018. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Pernambuco. **BARROS, M. A.**; ZAIDAN, Michel; LOPES, E. G.

- Participação em banca de Alberto Bezerra de Abreu. **Álvaro Vieira Pinto: (Ab)usos ideológicos da tecnologia em questão.** 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco. **BARROS, M. A.**; Oliveira, Richard R.; Silva, Washington L. M.

- Participação em banca de Daniel Felipe Victor Martins. **A Ética de Alasdair MacIntyre a partir da restauração da virtude pela via comunitarista. Análise e Crítica.** 2009. Dissertação (Mestrado em Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. **BARROS, M. A.**; MORAES, A.; STRIEDER, I.

Foram as minhas publicações e a minha dedicação aos conteúdos de Filosofia Contemporânea e de Ética que me levaram a ser convidado por Revistas e Núcleos de Pesquisa para participar como parecerista e como membro de seus Conselhos Editoriais, os quais passo a elencar abaixo:

Parecerista:

- AD HOC - **Revista Educação e Filosofia Universidade Federal de Uberlândia** – MG. 2016 (D.98-99).

- AD HOC - **Revista Idéias UNICAMP** – SP. Vol. 7. 2013 (D.100).

Membro do Conselho Editoria:

2008 – 2010 - Periódico: **Cadernos UFS História.**

2008 – 2010 - Periódico: **Cadernos UFS Filosofia.**

2008 – 2011 - Periódico: **Ítaca** – Revista de Filosofia UFRJ (D.101-102).

2008 – 2010 - Periódico: **Prometeus: filosofia em revista UFS.**

2004 – 2008 - Periódico: **Jornal do PROMETEUS/ Filosofia UFS.**

2009 – Atual – **Edições do NEEPD – UFPE** (D.93).

Ainda reputo como significativa, enquanto docente da UFRPE e pesquisador e coordenador de Núcleo de Pesquisa (Cnpq), minha filiação, desde 2010, ao *Núcleo Brasileiro de Pesquisas Walter Benjamin* e à *Red Internacional de Investigadores de Teoria Crítica da SETC- Sociedad de Estudios de Teoría Critica*.

Outrossim, enquanto membro do NEEPD e especialmente como coordenador do Grupo de Pesquisas Teoria Crítica tenho, nestes últimos 10 anos, organizado Colóquios, Seminários e Simpósios semestrais (Conf. Lattes) e também participado de diversos outros eventos de pesquisa, dos quais passarei a listar apenas aqueles que coordenei e que são mais relevantes para testificar minha dedicação à pesquisa e à teoria crítica:

- I Simpósio de Filosofia e Política GTC/NEEPD: Fragmentos de Modernidade, Julho-2020. (Evento On-line)

- II Simpósio de Filosofia e Política GTC/NEEPD: Fragmentos de Modernidade, Setembro-2020. (Evento On-line)

- Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire -. 2018. GTC-UFRPE/Centro Paulo Freire-UFPE. Gravatá-PE.

- Oficina: Indústria Cultural, Rock e Juventude. GTC-UFRPE.2016 – Recife.

- Colóquio Interno de Pesquisa do Grupo Teoria Crítica UFRPE. 2016 – Recife.

- II Seminário de Pesquisa do Grupo Teoria Crítica UFRPE. 2015 – Recife.

- V Semana de Ciências Sociais da UFRPE. 2014 – Recife.

- I Seminário de Pesquisa do Grupo Teoria Crítica - UFRPE. 2014 – Recife.

- Mesa de Debate: Teoria Crítica e Democracia. GTC-UFRPE. 2012 – Recife.

- I Seminário de Pesquisa do Grupo Teoria Crítica. 2011 – Recife.

- I Encontro Nacional de Bioética do Comitê de Ética em Pesquisa -UFS. 2010- Recife

- I Seminário de Bioética do PPGCS-UFS. 2010 – Recife.

- I Simpósio de Pesquisa do Grupo ETHOS Cnpq-UFS. 2010 – Recife.

- I Colóquio Interno do Grupo Ethos Cnpq-UFS. 2010 – Aracaju.

- I Simpósio Internacional de Pesquisa Filosófica do PROMETEUS- UFS. 2008 – Aracaju.

- I Simpósio Regional de Ética e Filosofia da Religião da UFS. 2000 – Aracaju.

A principal pesquisa por mim realizada nos últimos anos foi a que pude desenvolver durante o meu **Estágio de Pós-doutorado**, realizado na Faculdade de Direito do Recife, UFPE, mais especificamente no Programa de Pós-graduação em Direito, durante o ano de 2018. O tema da Pesquisa foi **“Justiça como reconhecimento em Axel Honneth”** e teve como tutor o Professor do PPGD Dr. Michel Zaidan Filho, sendo a pesquisa classificada na área da Filosofia do Direito. A proposta da pesquisa tinha como objetivo esclarecer o conceito de justiça como reconhecimento, demandando para tanto uma reconstrução da proposta feita por Axel Honneth em seus quatro principais textos sobre o tema, a saber, nos livros *Direito da liberdade* e *Sufrimento por indeterminação: uma reatualização da filosofia do direito de Hegel* e em seus dois ensaios: *A ideia do socialismo* e *A textura da justiça*.

Axel Honneth, diretor do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt desde 2001 até hoje, tornou-se conhecido a partir de sua opus magna intitulada *A luta pelo reconhecimento*, e propondo um itinerário alternativo ao de J. Habermas, lançou-se em Hegel para além dos textos de Yena e procurou na *Filosofia do direito* assentar sua argumentação, sugerindo que através de um procedimento metodológico, por ele denominado “reconstrução normativa”, seria possível revisar o compromisso ou finalidade das instituições liberais, em função da autonomia e da solidariedade inscritas nas definições dessas instituições, numa clara negação do individualismo possessivo e das teorias da competência. A justiça é, portanto, na argumentação de Axel Honneth, o próprio reconhecimento sendo efetivado por mediação das instituições do Estado de Direito e por outras instituições igualmente reconhecidas como legais e legítimas. Os resultados alcançados foram aprovados pelo colegiado do PPGD-UFPE e transformados em capítulo de livro por mim organizado.

Com toda certeza, uma vocação para a pesquisa não só se consubstancia em iniciativas que viabilizem uma “cultura da pesquisa” na Universidade e de filiação a institutos nacionais e internacional de pesquisa, mas também se revela por meio de uma produção escrita e publicada na forma de ensaios, artigos, capítulos de livros e livros. Considerando a justeza deste enunciado queremos demonstrar como patente em nossa trajetória este aspecto, que nos dá satisfação em apresentar aqui, e para tanto prosseguiremos em seguida fazendo a exposição desta produção bibliográfica:

Os nossos 8 livros, 12 ensaios, 3 capítulos de livros e 1 fragmento podem ser organizados em torno de 8 temas que dão contorno ao nosso pensamento e estabelecem, com alguns detalhes, o modo próprio pelo qual construímos nossa trajetória pela tradição da crítica, em especial da crítica filosófica. Assim surgem os temas da *filosofia, educação, religião, ética, estética, história, sociedade/política e antropologia*, os quais servirão aqui de breve roteiro para nossa exposição.

FILOSOFIA

A Filosofia é o grande tema e o método do nosso pensamento. Presente desde o começo em nossa trajetória, consolidando-se por meio do Mestrado e do Doutorado, a filosofia constitui o nosso modo de pensar a partir de grandes e fundamentais questões, que são verdadeiras lanternas na proa que querem indicar o caminho aos que conosco embarcam, abrindo uma senda de modo nem sempre costumeiro, porém, sempre reflexivo e desejosamente crítico.

Enquanto método, todavia, a filosofia marcará o itinerário dos textos que se recusam a conclusões pretenciosas e tentam deixar a tarefa das conclusões, ou da continuidade, por conta da liberdade dos leitores, por isso os textos parecem mais interessados em serem um convite suave ao filosofar. Aparece, assim, um tanto disfarçadamente, a filosofia e sua definição ao longo das obras, ora como “radicalização do questionamento”, ora como “esforço de distinção conceitual”, apresentando-se como tarefa do pensamento crítico e como empenho de compreensão da realidade e das ideias. Ao invés de exegese, a filosofia presente no pensar, expresso nos textos, será sempre uma tentativa de hermenêutica, ou seja, uma tentativa de reunir elementos que (re)componham um certo conjunto que sustenta um determinado sentido. As vezes as premissas do pensamento aparecem meio esmaecidas, mas isto é de propósito, pois perseguimos sempre nos textos ou nas reflexões fazer acontecer a dialética como livre jogo de proposição de hipóteses.



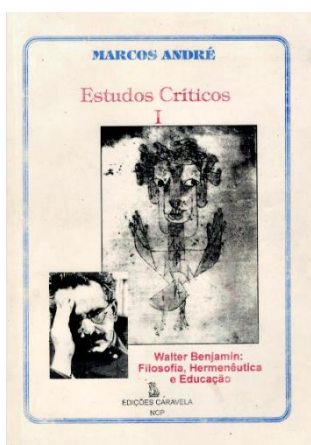
O texto que apresentamos aqui para este tema, além da Dissertação e da Tese, já anteriormente referidos, encontra-se no **Caderno de Aprendizagem: Filosofia** (Coleção do Educador Popular - UFS-PRONERA), e constitui-se em um fragmento intitulado “*Origens existenciais do filosofar*” (D.66). Em seu primeiro parágrafo o texto propõe e pergunta: “As perguntas humanas pelo sentido da realidade são características da vida humana. Tais perguntas e os esforços para respondê-las é o que chamamos de filosofia. Mas, podemos então indagar: quais são as experiências humanas que geram esse perguntar?” Seguindo sua proposta, o texto responde a pergunta: “a *Admiração* ou o espanto é a primeira destas experiências... há vários níveis dessa Admiração: há uma admiração ingênua ou inicial e uma admiração reflexiva. Não somente quando crianças, mas continuamente, como jovens e adultos, mantermo-nos capazes de nos admirarmos com os fenômenos é o esforço próprio da filosofia”. O texto segue em sua resposta dizendo que outra experiência fonte do filosofar é a do *Medo da Destruição* ou medo do não-ser... porque “nem tudo que se mostra nos atrai pela sensação agradável que em nós provoca... mas por imposição da sobrevivência”. Outra fonte do filosofar apontada pelo texto é a *Angústia*, pois “levados a tomar decisões constantemente” e “pela possibilidade do fracasso e do erro” é assim,

completa o texto, que “filosofamos para controlar nossa angústia em deter os descaminhos”. A quarta e última fonte do filosofar apresentada é *Necessidade de Realização*, já que “nos contextos concretos em que nos encontramos há sempre teorias e tradições que delimitam os campos que podemos abranger com o nosso comportamento e aqueles que não podemos percorrer”, então “dotados como somos de um poder de nos autodeterminarmos... tais delimitações se tornam muitas vezes um impedimento à nossa realização. Passamos a filosofar para por em questão a realidade de tais limites e de tais teorias”. A conclusão do fragmento é a seguinte:

“Manter o homem perguntando representa para a Filosofia auxiliar o homem a manter-se humano, ou seja, manter o homem enquanto ser indagador, criador, experimentador e crítico do sentido. Perguntando-nos em tais situações, inclusive, se estamos nos indagando corretamente e se temos condições realmente de chegarmos a responder a tais perguntas e de que maneira”. (BARROS, 2001, pp. 26-27).

Vinte anos depois deste fragmento torna-se perceptível que a nossa produção escrita assume os pressupostos do pensamento filosófico pós-metafísico como desafios ao pensar: 1) a *razão fraca* que se apresenta como linguagem e não como intuição da essência estabelece o grande lastro para uma conduta hermenêutica, dialógica e crítica; 2) não sendo possível uma fundamentação absoluta, resta viver de uma verdade apenas epistemológica (enquanto esforço contínuo de justificação) e de uma historicização radical do conhecimento em suas constantes reconstruções; 3) Há que se cuidar neste contexto de não silenciar as “vozes da razão”, sejam os vencidos, os desterrados, os excluídos ou os diferentes; 4) A condição humana há de ser enquadrada dentro de uma estética da existência e para a existência, ou seja: a busca humana pelo sentido se enriquece quanto mais a percepção se permite ampliar pela experiência, e ao mesmo tempo, mais a existência se amplia tanto quanto for capaz de lidar com a ambiguidade das realizações entre a vontade de felicidade e a mitificação que frequentemente envolve sua plena realização. Estes elementos podem fornecer ao nosso interlocutor-leitor uma chave de leitura para se iniciar um diálogo sobre o produzido.

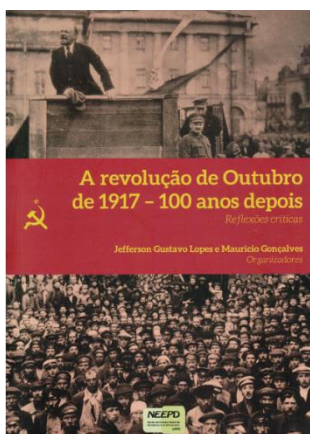
EDUCAÇÃO



Neste conceito está enraizada minha autocompreensão como educador filósofo, como professor-pesquisador e como formador de educadores. Aqui destacarei três textos por carregarem consigo as expressões mais explícitas de uma filiação teórica; os textos são Ensaios publicados como capítulos de livros e como trabalho completo (conferência) em anais de Evento Científico: o primeiro é o Ensaio/capítulo intitulado “*Giro completo na barra horizontal – elementos de uma filosofia crítico-utópica*”

da educação em Walter Benjamin”, do livro **Estudos críticos I: Walter Benjamin: filosofia, hermenêutica e educação** (D.26), o qual coloca em questão o sentido das práticas educacionais da modernidade em termos de conteúdo e forma. Partindo da constatação benjaminiana de que a educação está sob os efeitos da redução da experiência humana pelo “more geométrico”, do desincentivo à poésis sob o signo do tecnicismo e sob a “anestesia” da memória dos excluídos pelo capital; o texto conclui, a título de explicitar e concordar com o diagnóstico feito por Benjamin, que o projeto pedagógico da modernidade sofre dos mesmos mitos que assolam a modernidade: o “progresso inelutável”, o messianismo do trabalho científico-técnico e a barbárie do adormecimento ético-político.

O ensaio conclui com um certo pessimismo óbvio que a educação sofre com suas relações com o capital, tendo escamoteada a condição de classe dos educandos; o ensino de moral e de política igualmente caem desprestigiados pela formação científica, não comunitária (individualista) e profissionalizante, sendo esta última o ápice do engodo burguês com seu mito do “caminho seguro”. A utopia, que também compartilho, fica por conta do engajamento de Benjamin em manter aberta a porta que enseja a “oportunidade de fugir da casa dos pais” e para retomar os atrativos sonhados aos “quinze anos” antes que se complete o “giro na barra horizontal” e se retorne ao inferno do sempre igual. Transformada em mercadoria e centrada no tempo vazio da produção fabril, a educação é o lugar onde se sepulta (desfigura) o futuro, cabendo aos jovens redescobrirem sua “sagrada vocação”, de se defrontarem com o que realmente é essencial, como conclui Benjamin em seus ensaios: *A vida dos estudantes* e *A vocação religiosa da nova juventude*.



O segundo ensaio/capítulo é o que foi incluído no livro coletivo intitulado **A revolução de Outubro de 1917 – 100 anos depois: reflexões críticas** (NEEPD-Ufpe, 2018), tratou-se de uma conferência acadêmica em um evento homônimo ao livro, o capítulo chama-se **“Walter Benjamin e Moscou: (des)encontros”** (D.103-105). O ensaio que se dedica a fazer um breve apanhado do resultado intelectual e bibliográfico da visita de Benjamin, por quase 2 meses, à Rússia de Stalin, entre dezembro de 1926 e fevereiro de 1927, presta-se, também, a revelar algumas convicções que também compartilhamos com o pensador alemão sobre a educação e seu método. A crítica de Benjamin à educação socialista ciosa de realizar uma ideologização da formação infantil e da falta de liberdade crítica dos escritores russos naquele momento, findam desvelando alguns fundamentos da pedagogia benjaminiana que também compartilho. Em primeiro lugar, a “liberdade infantil” como verdadeiro mestre do ensino, deve-se preservá-la íntegra, e era isto o que realizava a oficina de teatro infantil de Asja Lacis. Em segundo lugar, o choque estético como método que integra e implica atuação da

“plateia” e quebra o encaminhamento unidirecional da relação professor-aluno ou mestre-aprendiz. Portanto, “Respirar”, conforme o fragmento benjaminiano sobre *O caráter destrutivo*, ou atuar para além do *script*, como o seu *Programa para um teatro infantil proletário* indica, é para Benjamin, realizar a única “educação autenticamente socialista” do soberano (o povo). Por fim, em terceiro lugar, também origina-se deste estudo a ideia de “alfabetizar as massas pela arte”, uma bela mistura da inspiração nietzschiana com a vocação pedagógica do socialismo de Brecht.

O terceiro ensaio relacionado às nossas convicções pedagógicas é o que tem por título **“Interdisciplinaridade, eticidade e educação”**. Fruto de uma conferência realizada em um Simpósio na Universidade Estadual da Paraíba quando do lançamento dos seus mestrados interdisciplinares, em 1998, o texto quer aludir ao processo moderno de “disciplinarização” do conhecimento para além do seu sentido epistêmico, indicando a indisfarçável parceria deste com a disciplinarização ou normalização política do comportamento dos educandos e dos professores pelo mito da neutralidade científica. A conferência argumenta a favor da oportunidade gerada pela interdisciplinaridade para uma crítica dos superpoderes míticos das ciências duras (matemática, física, química e biologia) e de sua clara integração nas catástrofes humanas vivenciada no século XX, também apresenta a interdisciplinarização do conhecimento como uma grande chance de integrar e reconhecer a dignidade e a importância dos saberes éticos e estéticos na construção do conhecimento. Michel Foucault, Edgar Morin, Jürgen Habermas, Walter Benjamin e Paulo Freire foram as vozes com as quais o texto dialogou constantemente ao longo de todo o percurso. Em sua mensagem final o texto aponta para a dialogicidade, a sensibilidade à alteridade, a busca do entendimento esclarecido (verdade como justificação), a criticidade, a desconstrução (desaprendizagem) e construção constantes, a autonomia e a solidariedade como valores nos quais deve-se basear o labor dos que almejam conhecer para poderem exercer a sabedoria.

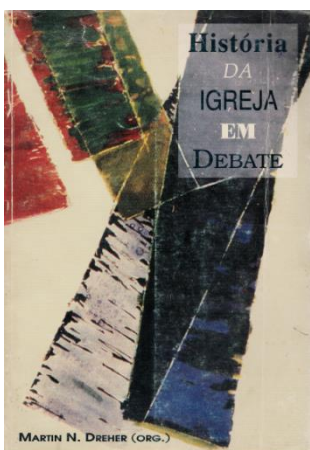
RELIGIÃO e TEOLOGIA

Este, talvez, de todos os temas seja o aparentemente menos acadêmico, mas com certeza é o mais envolvente existencialmente falando. O desafio foi colocado desde o início da nossa trajetória acadêmica com os primeiros estudos e pesquisas sobre a “crítica bíblica” e com a leitura dos teólogos liberais (Schleiermacher e Adolf von Harnack), e dos filósofos que se definem como ateus como Karl Marx, Sartre e Erich Fromm. Na teoria crítica, todavia, encontrei uma atitude não hostil em relação à religião e até porque não dizer respeitosa.

Desde cedo, superando as leituras literalistas da Bíblia (típicas do fundamentalismo), construí um caminho por uma teologia hermenêutica ou uma teologia filosofante, enquanto esforço metodológico e arquitetônico no qual o círculo hermenêutico de forma envolvendo o “epifenômeno”, sua “recepção” e a “história” (Paul Tillich e Claude Geffré). Outro esforço incansável foi o de tentar compreender a

experiência religiosa, sem permitir que a resposta fosse dada apenas epistemologicamente a partir da indagação pelas condições de possibilidade do fenômeno; preferimos nos indagar pelo sentido do referido no relato da “experiência da criação, da revelação e da redenção” conforme Franz Rosenzweig e Walter Benjamin. O terceiro esforço muito persistente foi o de não dispensar a contribuição da religião para o (re)acender da experiência utópica política, tal como se apresenta na teologia da libertação e no pensamento judeu libertário da primeira metade do século XX na Europa – “a escatologia como ética”, como bem a resumiu Paul Tillich. Por fim, interessou-nos, também, a questão do diálogo inter-religioso e de seus fundamentos, para o qual chegamos a apresentar a “ética do discurso” de J. Habermas como instrumento de mediação junto com a sugestiva “hermenêutica diatópica” de Boaventura de Souza Santos.

Cada um destes elementos ao seu modo encontram-se inscritos nos Ensaios publicados como capítulo de livro e em revista e Anais de Congresso acadêmico, conforme listamos abaixo:



BARROS, Marcos. ***História, hermenêutica e revelação. O lugar da história do cristianismo na reflexão teológica.*** In DREHER, Martin (Org.), 1994. História da Igreja em Debate. ASTE, São Paulo (D.3-5).

BARROS, Marcos. ***Franz Rosenzweig: experiência e messianismo.*** In Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, Ano V, Nº5, Recife, 2006 (D.39-40).

BARROS, Marcos. ***Sufrimento, expressão e vulnerabilidade: a ética do discurso de J. Habermas e os fundamentos do diálogo inter-religioso.*** ANAIS do II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP. Recife, 2010 (D.106-107).

ÉTICA

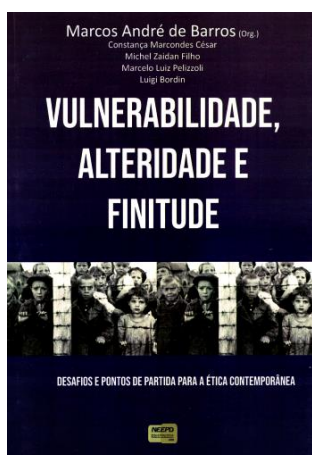
Encontrar uma teoria ética à altura do momento em que vivemos, que fosse tanto sensível aos projetos de “bem viver” ou de realização que movem os indivíduos, quanto pudesse oferecer um acesso à justiça e à paz nas relações entre indivíduos, grupos e nações. Assim cheguei à Ética do Discurso em sua versão proposta por Jürgen Habermas: uma teoria que pretende responder às demandas de uma sociedade

pluralista, multicultural, pós-secular e científica. Uma ética baseada no giro linguístico e historicista que marca a ultrapassagem do pensamento metafísico por uma razão comunicativa, verdadeira plataforma flutuante, com capacidade de se reformular e de criticar a mitificação ideológica que a todo instante ameaça o pensamento e a práxis. Uma ética que não fugisse dos interesses e que fornecesse parâmetros concretos de formalização para os processos, uma ética procedimental. Uma ética dialógica e por isso mesmo capaz de dialogar com a ética latino-americana da libertação, com o voluntarismo nietzscheano e com o existencialismo kierkegaardiano, forças éticas que aprendi a considerar.

Partindo da vulnerabilidade de todos os concernidos/expostos/afetados pela natureza, pelas interações e pela práxis humana, a ética do discurso logo deu lugar a uma ética do reconhecimento, a qual já defendemos representar sua continuidade. Deste modo, à alteridade e à finitude somou-se necessariamente a vulnerabilidade como pontos de partida incontornáveis da ética, sendo que, ao nosso ver, especialmente esta última, possui a capacidade de expor mais empiricamente a necessidade daquilo que Habermas chama de “compensação” – a ética como um mecanismo de proteção para formas de vida estruturalmente socioculturais.

Foi assim que aos poucos observamos a ética do discurso ampliar-se em ética do reconhecimento, incorporando definitivamente Hegel e Piaget/Kholberg para um mesmo empreendimento. Este também foi o itinerário que seguimos consolidando entre o Doutorado e o Pós-doutorado.

Estas convicções estão expressas no ensaio que publicamos no Caderno Filosofia da UFS, em 2005, com o título “*Peter Sloterdijk: as regras para o parque humano*” e em outro que publicamos na Revista *Ágora Filosófica* da UNICAP, em 2002, intitulado “*Habermas e a questão bioética: uma nota biobibliográfica*” e fazem parte do processo de preparação para o doutorado, assim como o ensaio publicado na Revista *Ítaca* de filosofia da UFRJ, em 2009, denominado “*A ‘vida correta’ em um discurso ético pós-metafísico: Habermas leitor de Kierkegaard*” (D.101).



Entrementes, o texto principal no qual indicamos a presença dos elementos acima mencionados é o livro que organizamos em 2020 e que se intitula *Vulnerabilidade, Alteridade e Finitude: desafios e pontos de partida para a ética contemporânea* (NEEPD-Ufpe, 2020), no qual constam ensaios dos seguintes professores de filosofia: Constança Marcondes César (Universidade Católica Portuguesa – PT), Michel Zaidan Filho (UFPE), Luigi Bordin (UFRJ) e Marcelo Pelizzoli (UFPE). Dividido em três partes, como indicado pelo título, a primeira parte dedicada à vulnerabilidade é constituída por três capítulos e foi escrita por mim, onde constam os ensaios: “*Vulnerabilidade como conceito ético*”, “*A moral como exigência de*

compensação para a vulnerabilidade: a ética do discurso de Jürgen Habermas” e “Vulnerabilidade, reconhecimento e justiça” (D.108-114).

Outro livro que não poderíamos deixar de indicar aqui como seu próprio título aponta é o nosso ***Homo fabricatus: ética, vida e barbárie mercantil. A instrumentalização da vida humana na era do biocapital à luz da ética do discurso de Jürgen Habermas.*** (NEEPD-Ufpe, Recife, 2020), porém, deixamos para os dois últimos temas desta exposição o lugar para uma mais detalhada apresentação do seu conteúdo.

ESTÉTICA

Não foi como teoria do belo, nem da imaginação ou da linguagem da arte que recebemos a ideia de Walter Benjamin de que a estética é uma “ciência” da percepção, mas justamente como teoria da percepção, pois é justamente do que se trata a estética para Benjamin: a reflexão sobre o sentido dos efeitos e das transformações na percepção frente à genialidade das expressões dos artistas e da aplicação dos recursos tecnológicos à produção de objetos, imagens e sons. Uma vez que, é quando olhamos com estes artistas, por meio de suas obras, que sentimos o efeito por ela provocado, em outras palavras é quando entramos em suas obras que sentimos o impacto de sua visada sobre o mundo e os efeitos revelatórios por ela provocados. Neste sentido, realmente não há barreiras nem temporais, nem culturais para que se possa passar pela experiência porque em última instância esta experiência se volta para o tempo do espectador que pode inclusive acrescentar ou interferir em aspectos diversos das obras. O que interessa não é tanto cultivar o original, nem defender a sua integridade, mas adquirir com a obra o potencial revelador de sentido nela impresso pelo artista. Por isso, para Benjamin uma certa atualidade do barroco, do romantismo e do surrealismo em expor o que é e expressar o que pode vir a ser.

Esta convicção está bem presente na pequena passagem em que justificamos a presença de elementos estéticos não-marxistas ao lado dos conceitos materialistas na produção intelectual de Benjamin depois deste se assumir publicamente como pensador marxista. Assim comentamos no ensaio ***Arte e política em Walter Benjamin e Bertholt Brecht: para uma prática estética contra a barbárie e em defesa da vida***, in ***Revista de Filosofia SEAF***, Rio de Janeiro, 2007, escrito em parceria com Luigi Bordin (D.115-116):

“A força dos conceitos de ‘alegoria’ e ‘ruína’, oriundos da estética barroca, é apropriada por Benjamin para, numa atualização originalíssima, aplicar à crítica da modernidade, fazendo-o alegar que o século XVII possui uma visão menos encantada de si mesmo, e que por isso sua autocrítica serve à modernidade e em certo sentido é capaz de desvendar o sentido desta. A tensão crítica que enfrentou o século XVII foi capaz de gerar uma forma de pensar em sintonia com o outro do que é dito e mostrado, a grande desconfiança com a racionalização produziu uma percepção e um olhar capaz de metamorfosear o objeto e deslindar uma ‘cifra’ subterrânea que permeia as coisas e por isso

mesmo capaz de vislumbrar ‘novas relações’ escamoteadas ou reprimidas das quais a principal seria a expressão do sofrimento ou das vítimas”. (D.115, p.84)

FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Pode-se dizer que o campo epistemológico da história desde Heródoto (484 a.C.) até os nossos dias jamais gozou estabilidade e prestígio, a não ser durante os anos que compõem o século XIX, o qual já em livro denominamos de o século da história. Entretanto, mesmo sendo breve o período de seu apogeu, este se deu em um momento crucial da vida da humanidade, coincidindo com o final de um período que Hobsbawn denominou de era das revoluções e com a era dos impérios, quando a história se elevou acima dos saberes das artes e se transformou no centro da cultura da modernidade europeia, não lhe faltando inclusive a reivindicação do reconhecimento como ciência por parte de seus representantes nas famosas escolas metódica na França e historicista na Alemanha, ambas tão queridas dos príncipes destas nações.

Desvencilhada da mão pesada de Deus e deixada apenas aos cuidados do ser humano a história não tem a facilidade de pleitear como plausível o seu encaminhamento racional, nem mesmo o progresso técnico é suficiente para demonstrar um progresso geral do espírito humano como advogava o filósofo iluminista Antoine-Nicolas Condorcet (1793). Uma coisa, porém, é verdadeira e tem se mostrado evidente, o brado voltairiano por uma filosofia da história não parou de ecoar até hoje fazendo do campo da história um dos mais virtuosos para o pensamento. Se a história tem sentido (racional) ou não, mesmo que não dê para demonstrar é preciso saber supor, pois a reflexão sobre a história é sempre coincidente com a história como campo de oportunidade, de luta e de realizações, é assim que a enxergam Walter Benjamin e Jürgen Habermas.

Não falta, porém, à nossa compreensão da história o sentido a ela atribuído por Friedrich Nietzsche que não tem medo de associá-la à sua melhor expressão artística no mito, alegando que enquanto arte a história será sempre o domínio da narrativa que produz constantemente excessos e gera mitos, mesmo lutando sempre, também, para corrigi-los. Esta autoconsciência de seu caráter ao mesmo de obra de arte e de mito é o que a faz paradoxalmente tratar-se de uma doença e de seu próprio remédio.

No momento, mesmo em que a história se tornou apenas um setor da cultura (e do entretenimento) e perdeu seu caráter integrador como gostaria Karl Marx, a humanidade se recente do claudicar que esta ausência produz como conhecimento e como suporte da ação política, e por isso mesmo obrigou a esta mesma humanidade a lidar melhor com suas incertezas e a enfrentar os seus próprios mitos, tendo que para tanto de alguma maneira ressuscitar a própria história para orientar-se na práxis. O tempo presente não pode ter a forma desfigurada de sua própria contração, situado entre o passado descomunal (dos eruditos) e o futuro estrategicamente dilatado.

Estas são as convicções que permeiam e dão fundamento aos argumentos constantes dos ensaios abaixo relacionados:

- ***O historiador como hermeneuta e utopista***, ensaio republicado por Z Aidan em seu livro *História e literatura: um olhar intersemiótico*, NEEPD-Ufpe, 2013 (D.9-10).

- ***Jürgen Habermas: sobre a necessidade de uma filosofia da história pós-metafísica para subsidiar normativamente a práxis***. Ensaio In *Revista Perspectiva Filosófica*, v. 44, 2017 (Eletrônica).

Estas mesmas características se apresentam em nossa pequena trilogia sobre a filosofia da história:

Marcos André de Barros

De Heródoto a Herder



Notas e reflexões sobre as concepções ocidentais de História



- ***De Heródoto a Herder: notas e reflexões sobre as concepções ocidentais da história***. Recife, NEEPD-Ufpe, 2014 (D.117). No primeiro capítulo desta obra situamos a questão da história, indagando inclusive pelo lugar da mesma na pós-modernidade; no capítulo II apresentamos o confronto da história com a filosofia; no capítulo III apresentamos as muito influentes visões judaica e cristã da história; o capítulo IV apresenta a concepção iluminista e o capítulo V apresenta as visões críticas de J.-J. Rousseau e de J. G. Herder.

Marcos André de Barros

O Século da História



Notas e Reflexões sobre o Pensamento Histórico no Século XIX



- ***O século da história: notas e reflexões sobre o pensamento histórico no século XIX***. Recife, NEEPD-Ufpe, 2018 (D.118). Esta obra começa com um ensaio provocativo em torno da questão que dá título ao livro – o século XIX como século da história e das filosofias da história; o capítulo 2 expõe o positivismo como uma filosofia da história que apresenta a história em sentido científico e defende a superioridade europeia; no capítulo 3 trazemos uma compilação de textos dos filósofos positivistas sobre a história: Augusto Comte, John Stuart Mill e Henry Thomas Buckle; no capítulo 4 apresentamos o historicismo como uma teoria relativista da história, mas ainda favorável ao poder.



- *O século do fim da história: estudos sobre o conceito de história no pensamento do século XX*. Recife, NEEPD-Ufpe, 2020 (D.119). O livro começa com a reflexão provocativa sobre aquilo em que se tornou a história no século XX: leito de núpcias transformado em mar de sangue, fim das energias utópicas, drops colorido no contexto da terceira cultura, qual a sua necessidade real? A este seguem-se os capítulos sobre os quatro pensadores escolhidos: F. Nietzsche com a sua história entre a decadência e a patologia; W. Dilthey e a proposta de um entendimento da história como expressão e compreensão da vida e normalização do poder; Walter Benjamin e a crítica da história entre a barbárie e a utopia; e, finalmente, J. Habermas e a sua filosofia crítica da história frente à necessidade de normatividade da práxis e dos processos de aprendizagem.

SOCIEDADE E POLÍTICA

Multicultural, tecnocientífica, pós-convencional e liberal moralmente falando, pós-secular e do trabalho, é mais ou menos assim que se apresenta a sociedade aos nossos olhos; porém, se agudizarmos a análise pela crítica a perceberemos como uma sociedade da coisificação, do mercado ou do lucro, sem fidelidade aos ideais humanitários, uma sociedade do desprezo, do risco, da exclusão, do cansaço, uma sociedade das massas excitadas, da precarização e da fragmentação cultural e sua liquefação. Do ponto de vista político esta é uma sociedade da falsificação da democracia em democracia seletiva e em permanente estado de exceção mantido pela sua intencional baixa intensidade democrática. Em resumo, a sociedade ocidental é uma sociedade da negação do reconhecimento e fundada sobre um déficit produzido pela repressão do diálogo.

As ideias da democracia e do socialismo, ao lado da do Estado democrático, são as ideias mais poderosas que a inteligência humana já produziu e vem aperfeiçoando para a efetivação de sua realização como humanidade. Não há ao nosso ver concorrentes possíveis a estas ideias, que facilmente se demonstram como ideais da “Fratría” cheia de honra, respeito e amor.

Com algumas possíveis honrosas exceções é assim que se apresenta aos nossos olhos a sociedade em que vivemos, mediante o auxílio de gigantes como J. Habermas e Walter Benjamin, em primeiro lugar, seguidos de Axel Honneth, Christopher Türck, Zygmunt Bauman, Guy Debord, H. Marcuse, Erich Fromm, Ulrich Beck, Boaventura de Sousa Santos, Jessé Souza e Leonardo Boff, e em vivo diálogo com pensadores de não menor estatura como os amigos Michel Zaidan e Luigi Bordin.

Além de ser esta a visão que dá lastro às nossas análises nas disciplinas, cursos e conferências que ministramos (acima listados), também é esta a perspectiva que se materializa na escrita dos nossos ensaios e obras em geral, e que aqui destacamos nos ensaios e livros abaixo:

Ensaaios:

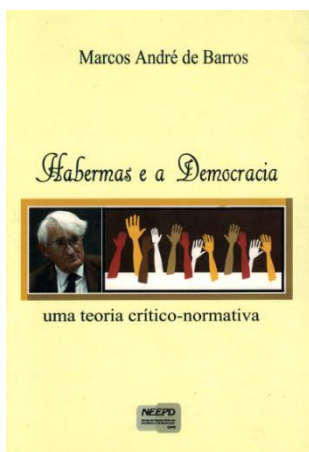
- BARROS, Marcos. **J. Habermas e a persistência da religião na sociedade pós-secular.** In ANAIS do II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP. Recife, 2010 (D.106-107).

- BARROS, Marcos. **Democracia e “médium” do direito em Jürgen Habermas.** In Revista Perspectiva Filosófica, v.II, nº22, Recife, 2004 (D.120-122).

Livros:

- BARROS, Marcos. **Habermas e a democracia: uma teoria crítico-normativa.** NEEPD-Ufpe, Recife, 2012 (D.123).

Neste livro a ênfase está em compartilhar os efeitos de uma crítica radical realizada por Habermas sobre as sociedades ocidentais a partir de um conceito de democracia que se situa, segundo ele, entre a “facticidade” e a “validade” ou a “normatividade”, na dialética dos recursos da dialogicidade. Apresenta-se a ideia de democracia como um poderoso veículo de aperfeiçoamento normativo da vida política da sociedade ainda que perante seus limites fáticos e seus inimigos históricos.

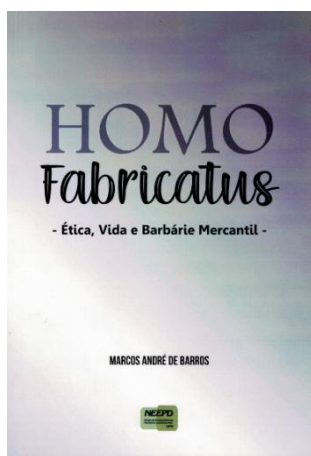


seus inimigos históricos.

- BARROS, Marcos. **Homo fabricatus: ética, vida e barbárie mercantil. A instrumentalização da vida humana na era do biocapital à luz da ética do discurso de Jürgen Habermas.** NEEPD-Ufpe, Recife, 2020 (D.124).

Este livro se volta para uma exposição ampla e fundamentada do problema do poder da engenharia genética nas mãos da sociedade, especialmente visto a partir de uma ética humanista e crítica como a do filósofo alemão Jürgen Habermas. Para fazer jus às suas ambições, o livro traça, nas 120 páginas do seu primeiro capítulo, um panorama explicativo da nossa visão de sociedade e o risco que a

humanidade precisa reconhecer que corre ao disponibilizar a si mesma este poder de manipulação laboratorial e industrial da vida humana, tendo em vista sua história de repressão do diálogo e de exploração predatória dos recursos naturais e das energias humanas, especial na sua mais recente formação histórica. Nesta tentativa de compreensão da sociedade e dos contornos de sua relação com o poder/conhecimento genético estão implicados os elementos sociabilidade, mercado e medicina biotécnica; por isso no texto transpira abundantemente nossa visão dos complexos nexos societários imbricados nas relações inter-humanas, até criarmos esclarecidas condições para a reflexão ética.



ANTROPOLOGIA

Não poderíamos aportar em outro lugar ao final de nosso percurso expositivo senão na pergunta síntese kantiana: o que é o homem? Sem resposta metafísica, entretanto, resta-nos o que síntese de humanismo, fenomenologia e hermenêutica nos sugerem: pensar o ser humano a partir de sua ambiguidade incondicional entre a destrutividade, a recusa/resistência e o poder da coragem de ser. Neste sentido, um esclarecimento sobre os componentes estruturais da condição humana sempre me despertaram vivo interesse. Saber o que resulta de reconhecer o ser humano como o ser da linguagem e pela linguagem, ou seja, deslindar o seu estofo intersubjetivo e sua dependência social, ao mesmo tempo em que se identifica neste as marcas inelimináveis da finitude e de tudo o que esta experiência de autoconhecimento é capaz de produzir tanto em termo de sensibilidade quanto em termos de distorção e adoecimento. Se a isto integramos o imenso caráter criativo e a força rejuvenescedora do poder de propor utopias e de experimentar o infinito, então veremos o que significa a busca ética, tida como necessária por J. Habermas, de integramos racionalmente nosso saber e poder técnicos com o nosso querer e poder práticos.

Estas ideias encontram-se com certeza presentes em nossos ensaios, mas principalmente em ***O conceito pós-subjetivista de pessoa em Jürgen Habermas***, publicado na Revista Ítaca de Filosofia da UFRJ, em 2007 (D.125-126).

Como se trata de um interesse antigo de pesquisa nosso, este tema ocupou um dos capítulos centrais do nosso livro ***Homo fabricatus*** (NEEPD-Ufpe, 2020), já referido acima. Neste capítulo, intitulado “*Um olhar especial da ética do discurso para a condição intersubjetiva da pessoa*”, desenvolvemos os principais elementos do que consideramos despretensiosamente ser o esboço de uma antropologia filosófica no pensamento de J. Habermas. Destacamos assim: 1. A competência interativa e psicomoral do ser humano (Habermas/Piaget); 2. A individuação intersubjetiva (Hegel/Mead); 3. A autorrelação prática e a personalidade solidária (Honnth/Adela Cortina); 4. A autonarratividade livre como autonomia (Habermas/Kierkegaard); e 5. A dupla autonomia jurídico-política (Habermas/Honneth).

QUASE CONCLUSÃO

Não queremos, todavia, encerrar este texto sem retomar o próprio memorial como tema de reflexão, e isto fazemos a partir de uma pergunta crítica:

Qual o lugar do futuro em um memorial descritivo?

Estou convencido de que pelo menos uma pequena parte do que aqui foi apresentado, de fato, possa ter sido testemunhado por quem participou de tudo o que realizamos e/ou que leu os textos que produzimos. Outrossim, tenho confiança de que uma parte considerável destas realizações tenham se transformado em sementes e possam frutificar, ao menos como algo a provocar reflexão, o prazer do pensar e gerar motivos para novas iniciativas críticas, como é o que posso perceber em minha esposa, Maria Barros, nos meus filhos André Felipe, Natália Regina e na minha nora Stéphanhy Barros, que a bem da verdade não são somente repercutidores destas, as vezes, cansativas trilhas, mas verdadeiras fontes de inspiração, de indagação e de teste de resistência da potência epistemológica destas proposições do pensamento.

Amadurecidas as ideias surgem novos caminhos, renovados interesses e desafios, que nem sempre são tão novos, mas que impulsionam nossos pés em direção ao futuro. Falar do que queremos realizar é sempre tão mais fácil quanto é difícil lançar-se na sua conquista, por isso mesmo, sem falsa moderação, apresento cinco temas de meu interesse direto neste momento, que espero inclusive que possam me favorecer a realização de novos estágios de pós-doutorado e eventuais cooperações com programas de pós-graduação:

- Tema 1: O Pensamento Negro e Latino-americano.
- Tema 2: A Hermenêutica Diatópica
- Tema 3: Uma Religião Chamada Capitalismo?
- Tema 4: Educação: entre o pessimismo óbvio e a resistência Poética.
- Tema 5: Jesus de Nazaré: uma aproximação histórico-poética.

Finalizo agradecendo aos que pacientemente leram este memorial e contribuíram para a realização do momento de sua defesa pública, em especial, agradeço à Banca Julgadora e à Srta. Stéfany Fernandes.

Prof. Dr. Marcos André de Barros

Recife, 18 de Novembro de 2021.

TABELA DE DOCUMENTOS EM ANEXO (PDF)

- D.1 – RG e CPF
- D.2 – Portaria Associado IV
- D.3-5 – Livro: História da Igreja em Debate
- D.6 – Diploma de Graduação em Teologia
- D.7-8 – Diploma de Graduação em História
- D.09-12 – Livros: Circe e o Historiador e História e Literatura
- D.13-14 – Diploma de Mestrado em Filosofia
- D.15-21 – Dissertação do Mestrado
- D.22 – Contracheque UEPB
- D.23 – Declaração de Aprovação: Seleção Substituto História Medieval – UFS
- D.24-25 – Anais Simpósio: Interdisciplinaridade em Questão
- D.26-28 – Livro: Estudos Críticos I
- D.29 – Termo de Posse – UFS
- D.30 – Portaria: Coordenação da Licenciatura em Filosofia – UFS
- D.31 – Portaria: Sub-chefia do Departamento de Filosofia
- D.32 – Coordenação do NIUFEM – UFS
- D.33-34 – Revista Ágora, 2002
- D.35 – Certificado: Congresso Internacional Ética do Discurso – UFMG
- D.36 – Certificado: Colóquio Nacional “Dialética Negativa” – UNIMEP
- D.37-38 – Certificado: III Congresso Filosofia Contemporânea - FUNREI
- D.39-40 – Revista Ciência da Religião e Teologia - UNICAP
- D.41 – Certificado: Colóquio Habermas – UFSC
- D.42 – Certificado: Congresso Internacional: Pessoa e Sociedade
- D.43-44 – Tese de Doutorado em Filosofia - UFRJ
- D.45 – Portaria Redistribuição UFS/UFRPE
- D.46-47 – Livro: Filosofia da História EDUFS/CESAD, 2010
- D.48-60 – Declaração de Minистраção de Disciplinas
- D.61-63 – Declaração Portaria NEEPD e CCD
- D.64 – Pós-Doutorado – Certificado
- D.65 – Portaria de Criação do Grupo de Estudos: Teoria Crítica - UFRPE
- D.66-68 – Livros: UFS/PRONERA/MST
- D.69-91 – Declarações de Minистраção de Disciplinas EAD – UFRPE
- D.92 – Portaria de Participação NDE – Licenciatura História EAD - UFRPE
- D.93-96 – Declaração de Pesquisador e Conselheiro Editorial NEEP – UFRPE
- D.97 – Portaria de Membro do Comitê Interno PIBIC - UEPB
- D.98-99 – Parecerista: Revista Educação e Filosofia – UFUberlândia/MG
- D.100 – Parecerista: Revista Ideias – UNICAMP/SP
- D.101 – Conselho Editorial – Ítaca – UFRJ
- D.102 – Conselho Editorial – NEEPD – UFPE
- D.103-105 – Livro: A Revolução de Outubro, 2018
- D.106-107 – Anais II Simpósio Internacional de Teologia e Ciência da Religião - UNICAP
- D.108-114 – Livro: Vulnerabilidade, Alteridade e Finitude, 2020
- D.115-116 – Revista de Filosofia – SEAF/RJ, 2007
- D.117 – Livro: De Heródoto a Herder, 2014
- D.118 – Livro: O Século da História, 2018
- D.119 – Livro: O Século do Fim da História, 2020
- D.120-122 – Revista Perspectiva Filosófica, 2004
- D.123 – Livro: Habermas e a Democracia, 2012
- D.124 – Livro: Homo Fabricatus, 2020
- D.125-126 – Revista Ítaca, 2007